

**ABUSO EMOCIONAL: SUAS RELAÇÕES COM AUTOESTIMA, BEM-ESTAR  
SUBJETIVO E ESTILOS PARENTAIS EM UNIVERSITÁRIOS**

*Sally Karina Brodski*

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de Mestre em  
Psicologia realizada sob a orientação do Prof. Dr. Claudio Simon Hutz

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Psicologia  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento**

**Mai de 2010**

“Fathers be good to your daughters,  
Daughters will love like you do,  
Girls become lovers who turn into mothers  
So mothers be good to your daughters too

Oh, you see that skin?  
It's the same she's been standing in  
Since the day she saw him walking away  
Now she's left  
Cleaning up the mess he made

Boys you can break  
You'll find out how much they can take  
Boys will be strong and  
Boys soldier on  
But boys would be gone  
without warmth from  
A woman's good, good heart”

John Mayer – Daughters

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao meu orientador o Professor Claudio Hutz que acreditou em mim e me permitiu participar no laboratório de mensuração; inicialmente como colaboradora e depois como mestranda. Também quero agradecer à Fernanda, que auxiliou no início da pesquisa estando sempre disponível, bem como as colegas que auxiliaram na coleta de dados.

Encontrei no laboratório de mensuração um grupo amigo e parceiro e contei muito com a colaboração da Marúcia, da Carla e da Lina, pelas quais tenho muita admiração e por isso também agradeço. Meu especial agradecimento ao meu querido colega e parceiro de cantorias e de análises estatísticas, Cristian, disponível, paciente e amigo de todas as horas. Foram anos de muito aprendizado, alegrias e construções, por isso sou imensamente grata.

Aos professores do mestrado com os quais tive a oportunidade de ter aulas, também agradeço. À professora Dra. Clarissa Marcelli Trentini com a qual compartilhei a prática docente, agradeço a confiança e o convite para a disciplina de Psicologia Clínica dentro do curso de graduação de odontologia. Gostaria de agradecer aos professores da banca do projeto Dr. Renato Zamora Flores e Dr. Maycoln Theodoro pelas sugestões valiosas e a Dra. Débora Dalbosco Dell'Aglio pela cuidadosa correção e pela sua disponibilidade na revisão do projeto e da dissertação.

Gostaria de agradecer meus pais que sempre me estimularam a estudar e a me superar. Afinal começar um mestrado aos 44 anos não foi uma decisão fácil! Não poderia deixar de agradecer meus filhos Tatyana e Marcelo pela paciência que tiveram durante este tempo. Agradeço a Tatyana por ter me auxiliado na formatação das apresentações, do material impresso, bem como na conferência final das tabelas. Ao Marcelo agradeço por sempre apoiar minhas decisões sendo um filho parceiro. Ao Daniel o filho que adotei no meu coração as ajudas nas dicas do Word quando necessitei. O Ricardo, meu marido querido que passou a fazer parte da minha família no mesmo ano que iniciei o mestrado e enfrentou comigo momentos importantes, sempre com disposição, inteligência e grandeza; para ele quero dedicar um agradecimento especial.

Aos amigos e colegas que não mencionei, gostaria de agradecer pela amizade, parceria e pelo aprendizado em todos os momentos.

## SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS .....	6
LISTA DE ABREVIATURAS .....	7
Resumo.....	8
Abstract .....	9
CAPITULO I. Introdução .....	13
CAPÍTULO II .....	12
Resumo.....	14
Abstract.....	14
Abuso emocional: Uma revisão teórica .....	15
A evolução do conceito de abuso emocional .....	15
Definição de abuso emocional e negligência emocional.....	16
Abuso emocional e outras patologias.....	17
Carência de estudos empíricos no Brasil.....	20
Abuso emocional, autoestima e bem-estar subjetivo .....	22
Abuso emocional e estilos parentais. ....	24
Considerações finais.....	27
REFERÊNCIAS.....	29
CAPÍTULO III. The repercussions of emotional abuse and parental styles on self-esteem, subjective well-being: a retrospective study with university students.....	34
Abstract .....	36
Introduction .....	37
Emotional abuse and Self-esteem. ....	39
Emotional Abuse and Subjective Well-being .....	40
Emotional Abuse and Parenting Styles .....	40

Method .....	42
Participants .....	42
Procedures .....	42
Results .....	44
Discussion .....	49
Conclusions.....	52
REFERENCES.....	54
CAPÍTULO IV. Considerações Finais.....	60
REFERÊNCIAS.....	62
ANEXOS.....	63
ANEXO A - Questionário sóciodemográfico .....	63
ANEXO B - Escala de autoestima de Rosenberg.....	64
ANEXO C- Escala de satisfação de vida .....	65
ANEXO D: Escala de afetos positivos e negativos- PANAS .....	66
ANEXO E - Escala de Responsividade e Exigência Parental.....	67
ANEXO F - Questionário Sobre Traumas Infantis (QUESI).....	68
ANEXO G – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....	69
Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa.....	70

## LISTA DE TABELAS

TABLE 1. *Means and Standard Deviations of Parental styles and Abuse, Self-esteem, Positive Affect, Negative Affect and Life Satisfaction Variables*.....46

TABLE 2. *Pearson correlation coefficients of Age, Self-esteem, Positive Affect, Negative Affect, Emotional Abuse and Life Satisfaction* .....48

## LISTA DE ABREVIATURAS

ANOVA – One-Way Analysis of Variance

BVS – Biblioteca Virtual de Saúde

CPS – (American) Child Protection Agencies

CTQ – Childhood Trauma Questionnaire

EA – Emotional Abuse

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

PANAS – Escala de Afetos Positivos e Negativos

SER – Rosenberg Self-Esteem Scale

SWB – Subjective Well-Being

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## Resumo

A revisão da literatura mostrou que há uma carência de estudos específicos para a avaliação do abuso emocional e de suas repercussões especialmente no Brasil. Esta dissertação consistiu em dois estudos: o primeiro foi uma revisão da literatura sobre as relações entre abuso emocional, autoestima, bem-estar subjetivo e estilos parentais percebidos. O segundo, teve como objetivo analisar as relações entre a memória de abuso emocional, autoestima, bem-estar subjetivo e verificar diferenças na incidência de memória de abuso emocional nos diferentes estilos parentais percebidos. Participaram 305 universitários (64,7% mulheres), de 17 a 62 anos ( $M= 21,6$ ) de Porto Alegre. Os sujeitos responderam questionários para investigar: dados sócio-demográficos, abuso emocional, autoestima, afeto positivo e negativo, satisfação de vida e estilos parentais. Foram encontradas correlações negativas entre abuso emocional, autoestima e afeto positivo e satisfação de vida e correlações positivas entre abuso emocional, idade e afeto negativo. Os resultados também mostraram diferenças significativas entre as médias de memória de abuso emocional, autoestima e bem-estar subjetivo entre os diferentes estilos parentais. Os resultados do segundo estudo sugerem que os estilos parentais autoritário e negligente são prejudiciais ao desenvolvimento da autoestima, do bem-estar subjetivo e estão relacionados com memórias de abuso emocional.

Palavras-chave: Abuso emocional, autoestima, bem-estar subjetivo, estilos parentais.



## Abstract

The revision of literature showed a lack of specific instruments for the assessment of emotional abuse especially in Brazil. The present study consisted of two studies: the first one, a theoretical research about the relations between emotional abuse, self-esteem, subjective well-being and perceived parenting styles. The second study aimed to examine empirically the links between the memory of emotional abuse and self-esteem, subjective well-being and to verify the differences in the incidence of the memory of emotional abuse in the different perceived parenting styles. The participants consisted of 305 university students (64.7% women and 35.3% men), ranging from 17 to 62 years of age ( $M=21.6$  years;  $SD=5.4$ ), of Porto Alegre, Brazil. Subjects answered self-report questionnaires comprising demographics, emotional abuse in childhood, self-esteem, subjective well-being, and parenting styles. Negative correlations were found between emotional abuse and self-esteem, positive affect and life satisfaction. Positive correlations were found between emotional abuse, age and negative affect. Significant differences were found between the means of the memories of emotional abuse, self-esteem and subjective well-being between the different the parenting styles. The results shown in the second study suggest that the authoritarian and negligent parenting styles are harmful to the development of self-esteem, subjective well-being and are related with memories of emotional abuse.

*Keywords:* Emotional abuse; self-esteem; subjective well-being; parenting styles.

## CAPITULO I

### Introdução

A partir de mais de vinte anos de prática clínica a autora deparou-se com inúmeros casos que retratavam um comportamento que remetia a situações intituladas pelos pacientes de abusivas. Estes não apresentavam marcas físicas, no entanto, era perceptível seu prejuízo emocional, afetivo e social. Inicialmente buscou-se apoio nos referenciais psicodinâmicos, que faziam parte da linha teórica da formação da pesquisadora que mostraram ser insuficientes. A literatura disponível nas revistas brasileiras sobre o tema era pouco conhecida, assim como as pesquisas empíricas.

A constatação desta carência suscitou o desejo de voltar para a academia, e assim, capacitar-se para estudar este fenômeno, utilizando-se deste conhecimento para aproximar a pesquisa da prática. Em decorrência disso, o objetivo do trabalho foi fazer uma revisão teórica oferecendo material publicado sobre este fenômeno, e em um segundo momento, realizando uma pesquisa empírica.

Esta dissertação é composta de dois artigos: o primeiro é uma revisão teórica acerca do abuso emocional, a partir de três indexadores (SCIELO, PsychoINFO e Biblioteca Virtual em Saúde – BVS), buscando pesquisas realizadas nas últimas três décadas até 2009 usando os descritores, *emotional abuse*, *psychological maltreatment* e *abuse*. O segundo artigo, em inglês, também possui uma breve revisão teórica, e tem por objetivo testar empiricamente as questões abordadas no artigo anterior com universitários de Porto Alegre da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O artigo teórico descreve o abuso emocional como um padrão repetitivo no comportamento do cuidador, que comunica às crianças, que elas não têm importância, que são defeituosas, mal amadas, indesejadas, que correm perigo, e somente têm valor quando atendem às necessidades do outro. Tais atos manifestam-se de forma sutil, subjacentes a todas as outras formas de abuso. Este tema é de extrema importância, visto que pesquisas internacionais constataram que o abuso emocional deixa marcas emocionais profundas, independente do nível sócio-cultural, que acompanharão a criança na vida adulta e poderão se tornar psicopatologias. O abuso emocional apresenta-se como fator de risco para várias patologias dentre elas: ansiedade, depressão, baixa autoestima, sintomatologia relativa ao transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), baixa responsividade, transtornos alimentares, abuso de drogas, desajuste sexual, problemas de aprendizagem, dentre outros. A literatura recente aponta danos neurológicos associados à memória, queixas somáticas que são consequência do abuso emocional (Grassi-Oliveira & Stein, 2008).

Através do segundo estudo, procurou-se observar se o abuso emocional se apresentava da mesma forma no Brasil, em comparação com os dados relativos à população norte-americana, e suas repercussões entre a população universitária em um estado brasileiro. Para isso, foi construído um estudo correlacional com análises de variância utilizando as seguintes ferramentas: Questionário Sociodemográfico, Escala de Autoestima de Rosenberg (Rosenberg, 1965), Escala de Satisfação de Vida (Hutz, Bardaggi, Souza & Stenert, 2009), Escala de Afetos Positivos e Negativos – PANAS (Giacomoni & Hutz, 1997), Escala de Responsividade e Exigência Parental (Teixeria, Bardagi & Gomes, 2004), Questionário Sobre Traumas Infantis – QUESI (Grassi-Oliveira, Stein & Pezzi, 2006).

O objetivo deste estudo foi examinar as relações entre a memória de abuso emocional e autoestima, bem-estar subjetivo e verificar se existia diferença na incidência de memória de abuso emocional de acordo com os diferentes estilos parentais. Participaram 305 estudantes universitários (64,7% mulheres e 35,3% homens), de 17 a 62 anos ( $M=21,6$  anos;  $dp=5,4$ ), de uma universidade em Porto Alegre, no Brasil.

Tendo isto posto, o estudo acerca do abuso emocional é considerado, por permear todas as outras formas de abuso um problema de saúde pública. Contudo, constata-se a escassez de estudos empíricos e teóricos a respeito deste no Brasil, bem como sobre as conseqüências do abuso emocional a médio e longo prazo. Nesse sentido, mostram-se necessárias pesquisas no Brasil que permitam identificar e estudar extensamente o abuso emocional e os efeitos prejudiciais no decorrer do desenvolvimento humano, a fim de que se possam criar estratégias de auxílio a estes pais e filhos.

Os instrumentos que foram usados no estudo II encontram-se em anexo no final da dissertação, bem como o documento do comitê de ética aprovando a realização da pesquisa.

## CAPÍTULO II

Abuso emocional: Uma revisão teórica

Abuso emocional: Uma revisão teórica

Sally Karina Brodski

Claudio Simon Hutz

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Endereço para correspondência: Sally Karina Brodski, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Rua Ramiro Barcelos, 2600, Bairro Santa Cecília, Porto Alegre, RS. Brazil. Telefone (51) 33085246. CEP 90035-003

E-mail: [karinabrodski@terra.com.br](mailto:karinabrodski@terra.com.br)

## Resumo

Este estudo teve como objetivo fazer uma revisão teórica em português bem como apresentar alguns estudos que ligam o abuso emocional com autoestima, bem estar subjetivo e estilos parentais sob um olhar desenvolvimental. O abuso emocional caracteriza-se por um padrão repetitivo no comportamento do cuidador, comunicando às crianças que elas não têm importância, que são imperfeitas, mal amadas, indesejadas, que correm perigo, e somente têm valor quando atendem às necessidades do outro. Tais atos manifestam-se de forma sutil, subjacentes a todas as outras formas de abuso, deixando marcas emocionais profundas, independente do nível sócio-cultural, que acompanharão a criança na vida adulta e poderão desencadear psicopatologias. Nos Estados Unidos da América, o abuso emocional vem sendo estudado desde o final dos anos 70 através de pesquisas empíricas e da busca de instrumentos confiáveis para sua mensuração. No Brasil, encontram-se poucos estudos empíricos e teóricos que investiguem este fenômeno. Nesse sentido a elaboração de literatura referente a esta forma de abuso servirá para chamar a atenção sobre a importância da identificação, notificação e combate do mesmo.

Palavras-chave: abuso emocional, autoestima, bem-estar subjetivo, estilos parentais.

## Abstract

This study aims to offer a theoretical revision in Portuguese, as well as to present some studies that link emotional abuse to self-esteem, subjective well-being, and parental styles under a developmental view. Emotional Abuse is characterized by a repeated pattern of the caregiver's behavior, or extreme incidents that convey to children that they are worthless, flawed, unloved, unwanted, and endangered or only of value when meeting another's need. Such acts claim for the necessity to offer appropriate definitions to EA, for it is manifested in a subtle fashion, leaving deep emotional scars, despite social and or cultural background underlying all other forms of child abuse.. Emotional abuse has been investigated in the United States since the 70's through empirical and theoretical studies in search for validated instruments for its assessment. In Brazil, very few empirical and theoretical studies that investigate this phenomenon are published. For that matter creating literature concerning this sort of abuse will be helpful in bringing the attention upon the identification, notification and intervention against it.

*Key-words:* Emotional abuse, self-esteem, subjective well-being, parenting styles.

Abuso emocional: Uma revisão teórica

### **A evolução do conceito de abuso emocional**

A preocupação relativa à origem e às repercussões das experiências negativas na infância e na adolescência e suas repercussões na vida adulta tem sido foco de estudo e preocupação de vários pesquisadores e estudiosos da área da saúde mental (Albornoz & Nunes; 2004; Garbarino, 1978, 1991; Hart & Brassard, 1987). Estes têm tentado oferecer definições adequadas ao abuso emocional, pois este se manifesta de forma velada, deixando marcas emocionais profundas, independente de classe social e/ou cultural e está presente em todos os outros tipos de abuso (O'Hagan, 1995; Portwood, 1999).

Segundo Myers et al. (2002) nas décadas de 1970 e 1980 se deu pouca atenção ao abuso e à negligência infantil. Há vários motivos para isto, dentre eles, a dificuldade em definir o abuso emocional com clareza, as falhas no estabelecimento de relações de causa e efeito, bem como no maior esclarecimento do impacto cumulativo do abuso emocional (Myers et al., 2002).

Portanto, a partir desta revisão, o abuso emocional será definido através de atos de omissão ou de autoritarismo por parte dos pais ou do cuidador, que são considerados dentro de uma combinação de valores da comunidade e de um profissional especialista como inadequados ou prejudiciais (Myers et al., 2002; Garbarino, Gutman & Seeley, 1986). Tais atos são cometidos por pessoas individualmente ou em conjunto, as quais, por suas características como *status*, idade, intelecto, ou hierarquia, estão em uma posição de poder diferenciado que torna a criança vulnerável. Pesquisas apontam que danos imediatos podem ser observados impactando o funcionamento comportamental, cognitivo e/ou afetivo da criança como consequência desta forma de abuso (Myers et al., 2002).

No final da década de 70, Garbarino (1978) pesquisou nos Estados Unidos, as diferentes formas de abuso. A pesquisa e a prática vêm crescendo nas duas últimas décadas nos Estados Unidos, mas no Brasil, é rara a literatura encontrada que contemple especificamente este tipo de abuso. No Brasil, a partir da criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990, através da lei número 8069/90, uma nova concepção da sociedade brasileira emergiu, com o intuito de proteger integralmente a criança e o adolescente. Assim, o abuso emocional e os direitos da criança e do adolescente passaram a ser mais observados e respeitados.

O ECA (1990) através do terceiro artigo das disposições preliminares propõe que a criança e o adolescente gozem de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta lei, assegurando-lhes, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. No quarto artigo, coloca que é dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

### **Definição de abuso emocional e negligência emocional**

Whiting (1976) estudou uma das facetas do abuso pouco considerada na época, a negligência emocional, ou a privação de resposta emocional. Esta foi definida como o resultado de atos sutis ou ruidosos de omissão ou de autoridade, vivenciados pela criança, que causam estresse prejudicial, manifestando-se através de um comportamento inadequado. Há vários motivos para que tenha se dado pouca atenção a este tipo de abuso, como a dificuldade em definir o conceito com clareza, em estabelecer de relações de causa e efeito, bem como o aspecto “velado” e os efeitos não tão visíveis a curto prazo como as formas físicas de maus tratos (Myers et al. , 2002). Esse interesse menor pela negligência/privação de resposta emocional tem reflexos ainda na sociedade atual, através da dificuldade de identificação dos casos por terceiros e conseqüentes denúncias dos casos de abuso emocional aos órgãos responsáveis (Goldsmith & Freyd, 2005).

Já em 1986, Garbarino, em conjunto com Guttman e Seeley, redefiniu o abuso emocional como um padrão de comportamento psicologicamente destrutivo. Este se apresenta de cinco maneiras que ameaçam o desenvolvimento humano. A primeira delas é definida como rejeição. Nesta, o adulto se recusa a dar o valor que a criança tem e a legitimar as necessidades da mesma. A segunda é o isolamento na qual o adulto priva a criança de ter experiências sociais normais e de fazer amizades, além de convencê-la que está sozinha no mundo. A terceira intitula-se terrorismo<sup>1</sup>, através do qual o adulto agride verbalmente a criança, cria um clima de medo, a maltrata e aterroriza a mesma e a convence de que o mundo é cruel e hostil. A quarta forma de abuso é a desconsideração. Através desta, o adulto priva a criança de

---

<sup>1</sup> O termo terrorismo foi traduzido e mantido similar ao inglês “*terrorism*”, no entanto o significado seria de aterrorizar, assustar, intimidar, apavorar.



estímulos e de receptividade, sufocando seu crescimento emocional e desenvolvimento intelectual. Por último, através da corrupção, o adulto estimula a criança a se engajar em comportamentos anti-sociais, reforça desvios, tornando-a, dessa forma, inadequada para experiências sociais normais.

Nas últimas duas décadas, a definição de abuso emocional de crianças e jovens foi aprofundada. Além dos padrões de comportamento envolvendo rejeição, isolamento, terrorismo, desconsideração, e/ou corrupção, privação de resposta emocional, foram acrescentados a privação de saúde mental e física e a negligência educacional, ampliando o conceito de abuso emocional (Myers et al., 2002).

### **Abuso emocional e outras patologias**

O abuso emocional definido em um maior espectro está associado a várias patologias e sintomatologias como: anorexia, bulimia, encoprese e enurese, diminuição de resposta emocional, depressão, inabilidade em se tornar independente, incompetência ou baixa competência, incapacidade para confiar em pessoas, prostituição, desadaptação emocional ou instabilidade emocional, nanismo psicológico, retraimento, suicídio e homicídio entre outros (Finzi-Dottan & Karu, 2006; Iwaniec, 1996 ; Myers et al., 2002).

Conforme Myers et al. (2002), o abuso emocional caracteriza-se por um padrão repetitivo no comportamento do cuidador, ou incidentes repetitivos que comunicam às crianças que elas não têm valor, que são imperfeitas, mal amadas, indesejadas, que correm perigo ou que somente têm valor ao ir de encontro com as necessidades do outro. Crianças que são negligenciadas passam a ter dificuldades vinculadas à confiança básica e à concentração, o que poderá lhes trazer dificuldades no desenvolvimento escolar, bem como em seus relacionamentos.

Pesquisas recentes apontam novos achados a respeito dos danos provocados por maus-tratos na infância. Alguns profissionais da saúde que afirmavam que os danos eram, basicamente, problemas de “software”, tratáveis com uma reprogramação através de psicoterapia, ou que podiam simplesmente ser apagados com exortações do tipo “esqueça” ou “supere” (Teicher, Samson, Polcari, & McGreenery, 2006). Portanto, o impacto do efeito que um evento de vida estressante ocorrido precocemente dependerá do estágio maturacional ao qual a criança se encontra. Também, o destino que os distúrbios causados pelo ambiente de sinapse, podem seguir influenciando na trajetória desenvolvimental normal. Um organismo imaturo procura se adaptar acoplando informação ambiental a sua estrutura e função, Por

outro lado, um organismo maduro estabelece formas de compensar e se adaptar às mudanças ambientais (Andersen, 2003).

Atualmente achados verificam as “cicatrices biológicas” que acompanham os danos psicológicos, implicando numa necessidade de se reconhecer os efeitos desses maus-tratos no desenvolvimento neuropsicológico. Esse impacto durante o desenvolvimento cognitivo e neurobiológico vem sendo estudado, de maneira interligada, há pouco tempo sob o nome de Traumatologia Desenvolvimental (De Bellis, 2005).

Nesse sentido, o abuso infantil e a negligência podem ser percebidos como agentes de desorganização neurodesenvolvimental e dependendo da época em que ocorrem podem causar graves “cicatrices” neurológicas em algumas estruturas que por sua vez podem deixar os indivíduos vulneráveis a certas patologias, especialmente TEPT, depressão e abuso de substâncias e a alterações neuropsicológicas tais como prejuízos nos testes de memória e de atenção e falhas na aprendizagem (Bremner et al., 2004; Teicher et al., 2004).

Outros estudos verificaram déficits na memória verbal em relação à recordação imediata e tardia de indivíduos que reportaram história de abuso e negligência na infância com sintomatologia do transtorno de estresse pós-traumático (TEPT). Além disso, esses déficits foram correlacionados significativamente com a severidade do abuso (Bremner et al., 1999).

Achados recentes apontaram que os maus tratos precoces, numa perspectiva desenvolvimental, assumiriam um papel “tóxico” no desenvolvimento normal da criança, alterando o estado neuroendócrino, interferindo na aquisição de habilidades (principalmente *coping*), provocando uma distorção dos esquemas cognitivos. Através da repetida re-experiência cognitivo-emocional das memórias traumáticas, algumas estruturas cerebrais se modificariam definitivamente (Bremner et al., 1999).

Outro estudo considerou que o processo desse desenvolvimento está constantemente sendo modificado por influências ambientais. Sendo assim, a privação afetiva e física consiste num exemplo importante dessas influências que estaria presente durante a maturação do cérebro da criança (Grassi-Oliveira & Stein, 2008). Mesmo que as pesquisas apontem para resultados controversos, acredita-se na influência que o ambiente possui como agente provedor de saúde mental (Winnicott, 1965).

Em relação ao número de casos, de acordo com a Myers et al. (2002), a incidência verdadeira sobre o abuso emocional nos Estados Unidos hoje não é conhecida. Isto se deve, em parte, à inadequação nas definições fornecidas pelos estudos anteriores, às estratégias de mensuração utilizadas e a um vasto número de casos aos quais não se tem acesso pela falta de notificação às autoridades responsáveis (Myers et al., 2002; Manly, 2005). As agências de

proteção infantil americanas fazem uso de modelos de segurança que somente classificam, no entanto não explicam acerca do abuso infantil, assim não oferecendo ajuda às mesmas, no sentido de identificar ações específicas que auxiliariam na melhoria da segurança infantil a curto ou longo prazo (Garbarino, 1991; Morton & Salovitz, 2006).

Fatores como deixar os filhos aos cuidados de outras pessoas como babás ou creches (Darley & Latane, 1968; Levy *et al.*, 1972) podem contribuir para que não ocorra a denúncia do abuso (Herzberger, 1985; Kenny, 2001). Como exemplo disso crianças que utilizam palavras agressivas ou ofensivas para magoar um ao outro, são motivo de preocupação e de importância, portanto o mesmo se aplica aos adultos ao procederem de maneira similar com crianças. No entanto, algumas pessoas se recusam a acreditar que o comportamento verbal inadequado, que é o veículo principal do abuso emocional, possa ser prejudicial. Esta forma de comportamento deveria ser seriamente observada. Carleton (2001) demonstrou que existe uma conexão entre as crenças que envolvem provocações e a tendência em denunciar a potencialidade para o abuso emocional. Ele observou sujeitos pesquisados que apresentaram maiores escores numa escala de sensibilidade às provocações. Estes mostraram maior tendência a ver as vinhetas hipotéticas que descreviam situações com potencial para abuso emocional, como passíveis de denúncia. Outra pesquisa constatou que a provocação infantil mostrou ter efeitos similares aos do abuso emocional inclusive provocando aumento nos níveis de agressão (Boulton and Hawker, 1997).

Entretanto, existem dados suficientes de estudos que utilizaram definições similares e oferecem uma estimativa genérica da prevalência de histórias de abuso emocional na população adulta dos Estados Unidos da América (Myers *et al.*, 2002). Foi detectado, através de pesquisas realizadas pelo *Prevent Child Abuse America*, em 1997, que houve denúncia de 4.6% da população infantil americana por abuso infantil e negligência ao serviço de proteção infantil (CPS) nos Estados Unidos. No mesmo ano, a CPS confirmou que 1054, 000, representando 1,5% da população americana de crianças, foram vítimas de abuso infantil e 4% das crianças sofreram abuso emocional.

Bingelli *et al.* (2002) revisaram suas pesquisas e estimaram que o abuso emocional pudesse ter tido presença significativa nas histórias infantis em mais de um terço da população adulta nos Estados Unidos. Foi constatado que 10 a 15% da população vivenciaram as formas mais severas e crônicas deste tipo de abuso. Estas estimativas se basearam em comportamentos considerados abusivos pela comunidade investigada em conjunto com os pesquisadores da área (Myers *et al.*, 2002). Não há motivos para crer que o fenômeno do abuso infantil, de maneira geral - que é pouco reconhecido e pouco denunciado - se limite, de

fato, aos Estados Unidos, e a pesquisa sobre o assunto é necessária e amplamente útil a todos os cantos do mundo (Carelton, 2006).

### **Carência de estudos empíricos no Brasil**

No Brasil, não há estudos empíricos publicados nos principais indexadores como scielo, psycinfo, biblioteca virtual em saúde (BVS), com amostras brasileiras contemplando este fenômeno com esta terminologia: *abuso emocional*. Parte deste déficit é o resultado da dificuldade em definir essa experiência traumática de uma maneira clinicamente significativa. No entanto, esta dificuldade também se reproduz nos Estados Unidos, bem como em outros lugares que já contemplam este tipo de pesquisa. O abuso emocional não está claramente demarcado, por qualquer comportamento específico relativo ao abusador, e as definições tendem a basear-se na percepção da vítima sobre a tentativa e nos processos de pensamento (Waller, Corstorphine & Mountford, 2007).

No Brasil encontra-se na literatura revisões teóricas com um entendimento psicodinâmico do tema (Albornoz, 2004). Albornoz (2004) revisa o conceito de negligência detalhando ocorrer quando os pais ou responsáveis falham em prover as necessidades básicas como saúde, alimentação, educação, afeto, respeito – de uma criança ou um adolescente. Os aspectos importantes no cuidado da criança são desatendidos através da falta de proteção ou o descaso para com as suas necessidades evolutivas. Ainda Albornoz (2004) afirma que a definição de negligência deve levar em conta as diferenças práticas de socialização de cada contexto cultural ao qual se aplica e que a mesma ocorre quando as relações de cuidado são inexistentes ou inadequadas.

Dentro de uma abordagem psicodinâmica postula-se que a perda dos cuidados maternos pode ocorrer mesmo quando não houve uma separação real, mas perda do amor, inconstância de afeto, ou rejeição (Bowlby, 1988; Spitz, 1988). Essa falta de atenção é justificada falsamente na atualidade pela falta de tempo dos pais (Farinatti et al., 1993; Pires, 1999) ou ainda pelo conceito de mãe morta (Green, 1988).

Ainda Green (1988) aborda que uma transformação profunda que venha a ocorrer na vida de uma criança cuja mãe num momento de luto súbito desinveste brutalmente em seu filho e é vivida por ele catastroficamente. Sente assim, por não haver nenhum aviso prévio e pelo amor repentinamente perdido. Esta perda também significa uma perda de sentido devido à falta de compreensão face ao ocorrido e porque a criança tem a idéia de ser o centro do universo materno e, portanto, a decepção é imensa..

Se o pai desta estiver preocupado com a mãe, não poderá fazer frente a esta falta que a criança sente, portanto ela ficará presa entre a mãe “psiquicamente morta” e o pai inacessível. Esta angústia será vivenciada por ela através de sintomas como agitação, insônia ou terrores noturnos. Como consequência ela retirará toda a energia amorosa de sua mãe, seu primeiro objeto de amor. Posteriormente, poderá ficar presa neste tipo de comportamento, repetindo o que viveu precocemente, através de condutas que remetam à decepção, mostrando assim a identificação com esta mãe que não pode corresponder as suas necessidades, falhou empaticamente

Já em relação ao abuso emocional, Albornoz (2004) afirma que este está presente, em todas as modalidades de privações vivenciadas pelos indivíduos. As repetitivas e inapropriadas respostas emocionais e comportamentais às experiências infantis se caracterizam como abuso emocional. Ambientes familiares rígidos, controladores, superprotetores, ou caóticos podem ser considerados emocionalmente perturbadores a desenvolvimento emocional das crianças (Kent & Waller, 2000).

Em consonância com a abordagem psicodinâmica pode ser encontrada na revisão das definições do conceito multifacetado do abuso emocional de Hart et al. (2002) a identificação de uma empatia deficiente advinda dos pais ou cuidadores, em conjunto com uma indisponibilidade emocional como uma subcategoria deste construto mais amplo, intitulando-o negação de resposta emocional. Esta empatia deficiente se manifesta sob a forma de comportamentos repetitivos e freqüentes de menosprezo, indiferença, ou de raiva provinda dos pais. Estes atos considerados inadequados prejudicam o desenvolvimento da autoestima, da habilidade social, da capacidade para a intimidade, da possibilidade de ter relacionamentos interpessoais saudáveis. Assim, os pais maltratando emocionalmente seus filhos, configura-se o abuso emocional (Albornoz & Nunes, 2004; Garbarino, 1991; Hart et al. , 2002; Morton & Salovitz, 2006; O´ Hagan, 1995).

Observou-se dessa forma, que métodos abusivos nos cuidados parentais podem ter efeitos nocivos na organização e no desenvolvimento da personalidade, especificamente no que tange à organização de defesas que se manifestará através de psicopatologias na vida adulta. Freqüentemente, as vítimas de violência desenvolvem um repertório extenso de reações habituais destrutivas. A violência promove nos jovens uma busca alternativa de solução de problemas que os estimulam a participar em gangues criminosas, em assassinatos, em abusos, e leva ao uso de drogas e a um empobrecimento dos sentimentos (Brohl, 1996; Ferigolo et al., 2000). A pessoa torna-se incapaz de sentir gratidão e de interessar-se

genuinamente por si e pelos outros. O outro é sentido como um estranho cuja única função é a de fornecer o que se espera dele (Amendoeira, 1999).

Percebe-se, pela revisão da literatura, que o abuso emocional intra-familiar compromete o desenvolvimento (Moor & Silvern, 2006), deixando marcas emocionais profundas (Portwood, 1999), que acompanharão a criança na vida adulta e poderão se tornar psicopatologias (Finzi-Dottan & Karu, 2006). Nesse sentido, alguns autores corroboraram que o abuso emocional foi preditor de conseqüências desfavoráveis em maior profundidade ao desenvolvimento que o abuso físico (Erickson & Egeland, 2002). Sendo assim, este estudo pretende descrever as relações do abuso com a autoestima, o bem-estar subjetivo e os estilos parentais.

### **Abuso emocional, autoestima e bem-estar subjetivo**

A autoestima expressa uma atitude de aprovação ou de repulsa de si e engloba o julgamento sobre si próprio no que tange à competência e valia. É o juízo pessoal de valor revelado através das atitudes que um indivíduo tem consigo mesmo, sendo uma experiência subjetiva acessível às pessoas através de relatos verbais e comportamentos observáveis (Avanci et al., 2007).

Estudos clínicos tentam compreender os mecanismos que ligam o abuso emocional infantil, a educação recebida dos pais e a psicopatologia na vida adulta (Myers et al. , 2002). A criança que foi vítima de abuso emocional tem sua autoestima abalada devido ao dano ao narcisismo infringido à sua personalidade e o impedimento nocivo ao desenvolvimento do *self*, deixando marcas que a acompanharão na vida adulta (Finzi-Dottan & Karu, 2006; Garbarino, 1978; Myers et al. , 2002). A violência familiar, o abuso de drogas, a gravidez precoce, a delinquência, o suicídio, as agressões escolares e a depressão são alguns dos problemas contemporâneos associados à baixa autoestima (Avanci et al., 2007).

Análises relativas a técnicas de Dessensibilização e Reprocessamento por meio dos Movimentos Oculares (EMDR) que permitem a estimulação dos hemisférios cerebrais, onde as lembranças dolorosas são armazenadas, foram realizados por Maxwell (2003). Este pesquisador estudou problemas vinculados à ansiedade persistente e autoestima utilizando a técnica de EMDR, desenvolvida por Shapiro em 1980. Foram observados os pensamentos dicotômicos que invadiam o paciente durante sua infância, sentimentos crônicos de inadequação persistentes, bem como a conexão existente entre o abuso emocional e seus sentimentos de inadequação ligados a autoestima e ansiedade. Este estudo demonstrou

oferecer melhoras significativas nos níveis de ansiedade e na autoestima durante o tratamento e no ano seguinte ao mesmo.

O abuso emocional tem sido pesquisado empírica e teoricamente por Garbarino, Guttman e Seeley (1986). Estes demarcaram teoricamente o abuso emocional infantil dentro do contexto do abuso. De acordo com seus estudos, o abuso infantil raramente ocorre isoladamente do abuso emocional ou dentro de um contexto familiar onde a relação entre os pais e os filhos é satisfatória. Ao mesmo tempo, foi observado que, ao contrário da maioria das práticas parentais comumente incluídas dentro do abuso emocional, tais como a rejeição, negligência, intimidação, corrupção e menosprezo (Garbarino et al., 1986; Hart et al., 2002), o conceito de percepção de falha de empatia parental se refere a uma forma sutil e evasiva de desconsideração que passa despercebida enquanto causa danos severos.

Indivíduos que sofreram abuso físico ou emocional por algum dos pais tendem a ser emocionalmente mais desconectados desde a infância até a vida adulta do que aqueles que não foram abusados (Finzi-Dottan & Karu, 2006). Neste sentido, observou-se nestes sujeitos menor interação social, comportamento pró-social e empatia afetiva, afetando sua autoestima, desenvolvendo uma percepção negativa do mundo, depressão, ansiedade, tendências suicidas, transtornos alimentares e sintomatologia psiquiátrica (Finzi-Dottan & Karu, 2006; Gobitta & Guzzo, 2002).

Para Tavares (2004), muitos pais contribuem na diminuição da autoestima de seus filhos, ao criticá-los e chamar sua atenção constantemente. Ao corrigir seus filhos, acreditam estar ensinando-lhes a maneira correta de se comportar. No entanto, este autor sublinha que a criança começa a pensar que não é capaz de fazer nada corretamente, que é um fracasso e, dessa forma, constrói uma auto-imagem negativa. Portanto, a autoestima fica prejudicada. Este mesmo tipo de conduta pode ser desenvolvida por amigos e professores, e não somente pelos pais, podendo influenciar negativamente no bem-estar dos indivíduos.

O bem-estar subjetivo é um conceito que vem sendo pesquisado há mais de duas décadas (Diener, 1984). O bem-estar subjetivo tem sido estudado, principalmente a partir de dois componentes: um afetivo e outro cognitivo. O componente afetivo constitui-se das vivências experienciadas pelo sujeito e é o resultado de seu humor e emoções. Deste modo, o afeto do indivíduo surge de um balanço entre os sentimentos agradáveis e desprazerosos como: alegria, prazer, ansiedade e raiva, independentemente do contexto, condições sócio econômicas, saúde, sucesso e outras variáveis que poderiam permitir uma avaliação objetiva de qualidade de vida (Diener, Oishi & Lucas, 2003).

Por outro lado, o componente cognitivo caracteriza-se pela percepção que o sujeito possui de sua satisfação e completude com a vida. Diener (1984) coloca as definições de bem-estar subjetivo e felicidade em três categorias. Uma destas categorias, que será utilizada neste estudo, é a que define o bem-estar, investiga os questionamentos sobre o que leva as pessoas a avaliar suas vidas em termos positivos. Esta se chama de satisfação de vida e utiliza os padrões dos respondentes para determinar o que é a vida feliz. Vem ganhando atenção entre sociólogos, enfatiza a satisfação de vida como o principal indicador do bem-estar. A satisfação de vida é vista como o componente cognitivo que complementa a felicidade, dimensão afetiva do funcionamento positivo.

Estudos sobre a psicopatologia do desenvolvimento observaram que um alto nível adaptativo e de sintonia empática às necessidades da criança são traduzidas em responsividade empática (Kohut, 1977, 1984; Kohut & Wolf, 1978). A responsividade empática auxilia no estabelecimento do bem estar psicológico e torna a autoestima constante e duradoura (Winnicott, 1986, 1988). Pesquisas atuais encontraram que a falha no componente afetivo do bem-estar está ligada a prejuízos na autoestima e a depressão (Moor & Silvern, 2006).

### **Abuso emocional e estilos parentais.**

As crianças necessitam idealmente de um ambiente saudável e estável, de pais presentes e competentes para se desenvolverem adequadamente. Nesse sentido os estilos parentais se referem, basicamente, às posições parentais frente a problemas disciplinares, controle do comportamento, necessidades emocionais dos filhos e tomada de decisões. A descrição dos estilos parentais como padrões globais e razoavelmente estáveis de comportamento em relação aos filhos foi feita por Baumrind (1967, 1971), em sua tipologia das práticas de socialização.

Ela descreveu três padrões de controle parental - autoritário, autoritativo e permissivo - e suas conseqüências nos filhos. Posteriormente, Maccoby e Martin (1983) re-classificaram os estilos a partir da exigência - controle, estabelecimento de padrões de conduta, disciplina - e responsividade - comunicação, afetividade, aquiescência - disponibilizadas pelos pais. Surgiram, então, quatro estilos: o padrão autoritário e autoritativo descritos por Baumrind (1967, 1971), e os novos padrões indulgente e negligente. Esta classificação é a mais utilizada nos estudos sobre o tema.

Pode-se entender a responsividade como uma maneira afetiva de se relacionar com os filhos, levando em conta suas necessidades e suas qualidades, respeitando as diferenças,



levando em conta os aspectos emocionais dos filhos. Já a exigência tem a ver com a colocação de limites, mais ligada a conduta.

O estilo autoritário (exigência alta e responsividade baixa) é aquele cujos pais esperam obediência e usam mais a força, buscando a autoridade, sem encorajar o diálogo e a autonomia. Filhos criados sob este padrão costumam apresentar poucos problemas de comportamento e alto desempenho acadêmico (Lamborn, Mounts, Steinberg & Dornbusch, 1991), mas menor autoestima, medo e frustração, maior ansiedade e depressão (Aunola, Stattin & Nurmi, 2000; Reppold & Hutz, 2003) e insegurança nas interações sociais (Pacheco, Teixeira & Gomes, 1999).

No estilo autoritativo, com exigência e responsividade altas, os pais dão razões para as restrições impostas e favorecem o diálogo, encorajando a autonomia e sendo responsivos. Crianças criadas neste padrão têm melhor desempenho do que aquelas criadas sob os outros padrões (Baumrind, 1971), como maior autoestima (Jackson, Pratt, Hunsberger & Pancer, 2005), motivação para realização, competência social e cognitiva e poucos problemas de internalização de comportamento (Adalbjarnardottir & Hafsteinsson, 2001; Aunola et al., 2000; Lamborn et al., 1991; Wolfradt et al., 2003).

O estilo indulgente (exigência baixa e responsividade alta) caracteriza-se pela tolerância, pelo afeto e baixo controle. Os pais são complacentes, raramente fazendo exigências ou aplicando punições. Filhos criados neste padrão costumam ter boa autoestima e bem-estar psicológico; no entanto, maior imaturidade, pouco envolvimento escolar, agressividade e problemas de comportamento (Lamborn et al., 1991; Wolfradt et al., 2003).

No estilo negligente (exigência e responsividade baixas), os pais são fracos em controlar o comportamento dos filhos e em atender suas necessidades e demonstrar afeto. Filhos criados sob este padrão apresentam os piores índices de ajustamento entre os quatro estilos, com menor competência social e cognitiva e mais problemas de internalização e comportamento (Adalbjarnardottir & Hafsteinsson, 2001; Reppold & Hutz, 2003).

A percepção do comportamento parental também se altera com a idade, pois as crianças tendem a ter uma visão mais positiva, e os adolescentes uma visão mais negativa do comportamento dos pais (Shek, 1998). Filhos de pais negligentes e autoritários, por seus escores em ansiedade e depressão, estariam sob um grau elevado de sofrimento psicológico e podem apresentar dificuldades em outros contextos além da escolha profissional, como problemas de interação social, dificuldades escolares, entre outros (Adalbjarnardottir & Hafsteinsson, 2001; Pacheco et al., 1999; Reppold & Hutz, 2003). Pais autoritários tendem a não permitir dúvida ou hesitação na hora da escolha, exigindo a tomada de decisão por parte

do adolescente, ou mesmo criticando ou desacreditando eventuais decisões tomadas. Percebe-se, assim, a relação entre estilos parentais e características importantes para o desenvolvimento vocacional, como autonomia, autoestima e autoconfiança.

Em um estudo com estudantes universitários, Teixeira e Lopes (2005) observaram associações entre os estilos percebidos retrospectivamente e alguns valores humanos. Verificou-se que os jovens criados sob estilo negligente atribuíram menor importância aos valores, além de serem percebidas algumas diferenças nos valores entre os grupos. Bardagi e Hutz (2006) constataram que adolescentes que percebiam seus pais como autoritários ou negligentes apresentaram maiores índices de depressão e ansiedade. Reichert e Wagner (2007) investigaram a relação entre estilos parentais e a autonomia na adolescência, tendo verificado que adolescentes criados sob estilo materno autoritário apresentavam menores índices de autonomia funcional (capacidade de tomar decisões de forma autônoma e de gerir o próprio comportamento) do que aqueles criados sob os estilos autoritativo e indulgente.

Estudos mais recentes correlacionaram as escalas de responsividade e exigência com diversos itens indicadores de práticas educativas parentais, e encontraram convergências teoricamente esperadas nos resultados (Pacheco, Silveira & Schneider, 2008). Neste estudo, foi significativa a correlação entre exigência e controle através de culpa. Portanto pensou-se que a exigência, conforme medida pela escala, não discrimina uma monitoração branda do comportamento de um controle psicológico mais negativo, sendo um aspecto a ser investigado em maior profundidade em novas pesquisas.

Estudos empíricos documentaram que o abuso infantil freqüentemente ocorre em conjunto de outros danos mais graves nas relações entre pais e filhos (Myers et al., 2002; Finzi et al., 2001; Higgins et al., 2003; Lynch & Cicchetti, 1991; Wind & Silvern, 1994). O abuso infantil tem sido vinculado com comportamentos parentais de domínio e de controle (Edwards & Alexander, 1992), falhas no apoio parental (Merrill et al., 2001), e em lares onde os pais são violentos e negligentes (NeyTak, Adele, & Wickett, 1994; Peleikis, Mykletun, & Dahl, 2004), falha no apego e relações entre pais e filhos conturbadas (Finzi et al., 2001; Higgins et al., 2003; Lynch & Cicchetti, 1991).

Encontrou-se, na falha na empatia parental, um forte fator associado à ocorrência do abuso infantil, contribuindo significativamente ao desajuste psicológico. Nesse sentido, a falha na empatia parental poderá ser vista como um forte componente do abuso emocional e um fator preditor de desajuste a longo prazo (Iwaniec, 1996; Moor & Silvern, 2006).

## **Considerações finais**

Este estudo possibilitou uma revisão teórica que poderá servir de material de apoio para o diagnóstico clínico e para o atendimento psicoterápico de pacientes que tenham sofrido abuso emocional. Este tipo de abuso está definido como atos de omissão ou de autoritarismo por parte dos pais ou do cuidador, considerados dentro de uma combinação de valores da comunidade e de um profissional especialista como inadequados ou prejudiciais. Tais atos causam danos imediatos, ocasionando efeitos nocivos no âmbito comportamental, cognitivo, ou afetivo da criança (Myers et al., 2002). Esta pode ter um modelo interno negativo dentro de si que lhe faz vislumbrar o mundo adulto como perigoso onde ela pode estar em situação de risco. A criança já está marcada pela falha no apoio emocional advinda de sua família. Os danos infringidos pelos pais e/ou cuidadores não ocorrem necessariamente de forma proposital ou premeditada. Por isso será necessária a construção de uma nova rede de apoio que lhe faça vislumbrar a vida e o futuro com outras possibilidades.

Portanto, na perspectiva clínica, estabelecer uma aliança terapêutica e a construção de confiança poderá ser difícil para esta criança, bem como posteriormente na vida adulta, no entanto, fundamental. Assim sendo, estudos mostram que se o terapeuta tiver instrumentos para avaliar, identificar e trabalhar com esta patologia silenciosa e sutil, ele poderá servir como uma nova figura de identificação que auxilie o indivíduo em todo o seu desenvolvimento a lidar melhor com seu sofrimento e suas ansiedades (Kozanowski, 2007; Oliveira & Brodski, 2009).

Esta revisão teórica possibilitou mostrar que são várias as conseqüências ocasionadas pelo abuso emocional e mesmo assim, o Brasil carece de pesquisas empíricas sobre este construto. Pode-se pensar que identificar, avaliar e prevenir sejam tarefas difíceis para um país em desenvolvimento porque requerem verba e uma equipe capacitada para tal. Contudo, estes constituem problemas atuais e com necessidade urgente de abordagem que estão inseridos em outras esferas como no ambiente de trabalho, através das relações de poder abusivas, no ambiente escolar, através do bullying e no âmbito afetivo, através da violência doméstica e feminina que não aprofundamos neste estudo.

Teóricos internacionais afirmam que o abuso emocional é a forma mais grave de abuso de maiores conseqüências e que traz os maiores prejuízos desenvolvimentais que as outras formas de abuso (Bremner et al., 1999; Erickson & Egeland, 2002; Hart, Brassard, & Binggeli, 1998). Sugere-se que os pesquisadores brasileiros invistam neste tema, pela sua importância e relevância social, além das repercussões significativas que trazem ao ser humano no decorrer de seu desenvolvimento. É importante sublinhar que foi possível

observar através desta revisão, que o abuso emocional está subjacente a todas as formas de abuso (Hart, Brassard, & Binggeli, 1998), não havendo prevalência de classe social ou econômica.

Portanto, construir literatura referente a este construto poderá servir para chamar a atenção sobre a importância da identificação, notificação e combate do abuso emocional. Finalizando, espera-se que a construção de literatura em português tenha um impacto positivo, a ponto de iniciar um processo de conscientização, tornando possível a criação de programas para o treinamento de profissionais de diversas áreas da educação e da saúde. Nesse sentido, é fundamental que haja a ampliação do conhecimento, bem como do atendimento dentro do âmbito clínico, social e jurídico. Assim, será dado o início do processo de alerta aos profissionais e a população para a importância da prevenção e do diagnóstico precoce dos casos de abuso emocional.

## REFERÊNCIAS

- Adalbjarnardottir, S., & Hafsteinsson, L. G. (2001). Adolescents' perceived parenting styles and their substance use: Concurrent and longitudinal analyses. *Journal of Research on Adolescence, 11*(4), 401-423.
- Albornoz, A. C. G., & Nunes, M. L. T. (2004) A dor e a constituição psíquica. *Psico-USF, 9* (2), 211-218.
- Amendoeira, W. (1999). Dor psíquica. *Revista Brasileira de Psicanálise, 33*(3), 545-553.
- Andersen, S. L. (2003). Trajectories of brain development: point of vulnerability or window of opportunity? *Neuroscience Biobehavioral Review, 27*(1-2), 3-18.
- Aunola, K., Stattin, H. & Nurmi, J. (2000). Parenting styles and adolescents achievement strategies. *Journal of Adolescence, 23*(2), 205-222.
- Avanci, J. Q., Assis, S. G., Santos, N. C. & Oliveira, R. V. C. (2007). Adaptação transcultural de escala de autoestima para adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 20*(3), 397-405.
- Bardagi, M. P., & Hutz, C. S. (2006). Indecisão profissional, ansiedade e depressão na adolescência: A influência dos estilos parentais. *PsicoUSF, 11*(1), 65-76.
- Baumrind, D. (1967). Child care practices anteceding three patterns of preschool behavior. *Genetic Psychology Monographs, 75*, 43-88.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology Monograph, 4*, 1-103.
- Binggeli, N. J., Hart, S. N., & Brassard, M. R. (2002). *Psychological maltreatment of children – The APSAC (Americam Professional Society on the Abuse of Children) Study Guides 4*. Oklahoma City: Sage Publications.
- Boulton M. & Hawker D. (1997). Verbal bullying—the myth of ‘sticks and stones’. In *Bullying: Home, School, and Community*, Tattum D, Herbert G (eds). David Fulton: London; 53–63.
- Bowlby, J. (1988). *Cuidados maternos e saúde mental*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bremner, J. D., Narayan, M., Staib, L. H., Southwick, S. M., McGlashan, T., & Charney, D. S. (1999). Neural correlates of memories of childhood sexual abuse in women with and without posttraumatic stress disorder. *American Journal of Psychiatry, 156*(11), 1787-1795.

- Brohl, K. (1996). *Working with traumatized children – A handbook for healing*. Washington DC: Child Welfare League of America Inc.
- Carleton, R. A. (2006). Does the mandate make a difference? Reporting decisions in emotional abuse. *Child Abuse Review*, 15, 19-37.
- De Bellis, M. D. (2005). The psychobiology of neglect. *Child Maltreatment*, 10(2), 150-172.
- Diener, E. (1984). Subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 95 (3), 542-575.
- Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. E., & Griffin, S. (1985). The satisfaction with life scale. *Journal of Personality Assessment*, 49, 91-95.
- Diener, E., Oishi, S., & Lucas, R. E. (2003) Personality, culture and subjective well-being: *The science of happiness and life satisfaction*. In C. R. Snyder, & S. J. Lopez (Eds.), *Handbook of positive psychology* (pp. 63-73). New York: Oxford University Press.
- Darley, J. M., & Latane, B. (1968). Bystander intervention in emergencies: diffusion of responsibility. *Journal of Personality and Social Psychology*, 8, 377–383.
- Edwards, J., & Alexander, P. (1992). The contribution of family background to the long-term adjustment of women sexually abused as children. *Journal of Interpersonal Violence*, 7(3), 306-320.
- Erickson, M. F., & Egeland, B. (2002). Child neglect. In J. E. B. Myers, L. Berliner, J. Briere, C. T. Hendrix, J. Carole & T.A. Reid (Eds.), *The APSAC handbook on child maltreatment* (2), 3–20. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA. Ministério da Justiça - Brasil (1990). Retrieved in Jan. 5, 2009, from [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8069Compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069Compilado.htm).
- Farinatti, F.A., Biazus, D. B.F. & Leite, M B.. (1993). *Pediatria social: a criança maltratada*. Rio de Janeiro: Medsi.
- Ferigolo, M., Arbo, E., Malysz, A., Bernardi, R. & Barros, H. (2000). Aspectos clínicos e farmacológicos do uso de solventes. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 49(9), 331-341.
- Finzi, R., Ram, A., Har, D., Shnit, D., & Weizman, A. (2001). Attachment styles and aggression in physically abused and neglected children. *Journal of Youth & Adolescence*, 30, 769-786.
- Finzi-Dottan, R., & Karu, T. (2006). From emotional abuse in childhood to psychopathology in adulthood a path mediated by immature defense mechanisms and self-esteem. *The Journal of Nervous and Mental Disease*, 194(8), 616-621.
- Garbarino, J.(1978). The elusive “crime” of emotional abuse. *Child Abuse and Neglect*, 2, 890-899.

- Garbarino, J., Guttman, E., & Seeley, J. W. (1986). *The psychologically battered child*. San Francisco, California: Jossey-Bass Publishers
- Gobitta, M., & Guzzo, R. (2002). Estudo inicial do Inventário de Autoestima (SEI) – Forma A. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1), 143-150.
- Grassi-Oliveira, R., & Stein, L. M. (2008). Childhood Maltreatment Associated to PTSD and Emotional Distress in Low Income Adults: The Load of Neglect. *Child Abuse and Neglect*, 32(12) 1089-1094.
- Grassi-Oliveira, R., Stein, L. M., & Pezzi, J. C. (2006). Tradução e validação de conteúdo da versão em português do Childhood Trauma Questionnaire. *Revista de Saúde Pública*, 40 (2), 249-55.
- Green, A. (1988). *Narcisismo de Vida, Narcisismo de Morte*. São Paulo: Escuta.
- Hart, S. N., Binggeli, N. J., & Brassard, M. R. (1998). "Evidence of the Effects of Psychological Maltreatment." *Journal of Emotional Abuse* 1(1) 27–58.
- Herzberger, S.D. (1985). Identifying cases of child abuse: a social psychological phenomenon. *Victimology: An International Journal*, 10, 87–96.
- Higgins, D. J., McCabe, M. P., & Ricciardelli, L. A. (2003). Child maltreatment, family characteristics, and adult adjustment: Mediating and moderating processes. *Journal of Aggression, Maltreatment, & Trauma*, 6, 61-86.
- Hutz, C. S., Bardagi, M. P., & Stenert, F. (2009). *Adaptação brasileira da Escala de Satisfação de Vida*. Manuscrito submetido para publicação. Laboratório de Mensuração, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Iwaniec, D. (1996). *The emotionally abused and neglected child*. Birmingham: John Wiley & Sons.
- Jackson, M., Pratt, M. W., Hunsberger, B., & Pancer, S. M. (2005). Optimism as a mediator of the relation between perceived parental authoritativeness and adjustment among adolescents: Finding the sunny side of the street. *Social Development*, 14(2), 273-304.
- Kenny, M.C. (2001). Child abuse reporting: teachers' perceived deterrents. *Child Abuse & Neglect*, 25, 81–92.
- Kohut, H. (1977). *Restoration of the self*. New York: International Universities Press.
- Kohut, H., & Wolf, E. S. (1978). The disorders of the self and their treatment: outline. *International Journal of Psychoanalysis*, 59, 413-425.
- Kohut, H. (1984). *How does analysis cure?* Chicago, IL: University of Chicago Press.

- Kozanowski, S. S. (2007). Attachment theory in clinical work with maltreated children. *Section on Child Maltreatment Newsletter, Division 37, American Psychological Association, 12*(1), 3.
- Levy, P., Lundgren D., Ansel M., Feli D., Fink B., & McGrath J.E. (1972). Bystander effect in a demand-without-threat situation. *Journal of Personality and Social Psychology 24*, 166–171.
- Lynch, M., & Cicchetti, D. (1991). Patterns of relatedness in maltreated and nonmaltreated children. *Development and Psychopathology, 3*, 207-226.
- Maccoby, E. E., & Martin, J. A. (1983). *Socialization in the context of the family: Parent-child interaction*. New York: Wiley.
- Merrill, L. L., Thomsen, C. J., Sinclair, B. B. Gold, S. R., & Milner, J. S. (2001). Predicting the impact of child sexual abuse on women: The role of abuse severity, parental support, and coping strategies. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 69*, 992-1006.
- Moor, A., & Silvern L. (2006). Identifying pathways linking child abuse to Psychological Outcome: The mediating role of perceived parental failure of empathy. *Journal of Emotional Abuse, 6*(4), 110-143.
- Morton, T., & Salovitz, B. (2006). Evolving a theoretical model of child safety in maltreating families. *Child Abuse & Neglect, 30*, 1317–1327.
- Myers, J. E. B., Berliner, L., Briere, J., Hendrix, C. T., Jenny, C., & Reid, T. A. (2002). *The APSAC Handbook on Child Maltreatment*. CA .Sage Publications.
- NeyTak, P. G., Adele, F., & Wickett, R. (1994). The worst combinations of child abuse and neglect. *Child Abuse and Neglect, 18*(9), 705-714.
- Oliveira, L. L. & Brodski, S. K. (2009). *O abuso emocional infantil como fator de risco para o desenvolvimento de transtornos alimentares na adolescência*. Manuscrito não publicado da tese de doutorado.
- Pacheco, J. T. B, Teixeira, M. A. P, & Gomes, W. B. (1999). Estilos parentais e desenvolvimento de habilidades sociais na adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 15*(2), 117-126.
- Pacheco, J. T. B., Silveira, L. M. de O. B, & Schneider, A. M. de A. (2008). Estilos e práticas educativas parentais: análise da relação desses construtos sob a perspectiva dos adolescentes. *Psico, 39*, 66-73.
- Peleikis, D. E., Mykletun, A., & Dahl, A. A. (2004). The relative influence of childhood sexual abuse and other family background risk factors on adult adversities in female



outpatients treated for anxiety disorders and depression. *Child Abuse and Neglect*, 28(1), 61-76.

- Pires, J. M. A. (1999). Violência na infância: aspectos clínicos. Em Assembléia Legislativa, Comissão de Cidadania e Direitos Humanos. *Violência Doméstica*, p.61-70. Brasília: UNICEF.
- Reichert, C. B., & Wagner, A. (2007). Autonomia na adolescência e sua relação com os estilos parentais. *Psico*, 38, 292-299.
- Reppold, C. T., & Hutz, C. S. (2003). Exigência e responsividade parental como preditores de depressão em adolescentes no sul do Brasil. *Avaliação Psicológica*, 3, 175-184.
- Spitz, R. (1988). *O primeiro ano de vida*. São Paulo: Martins Fontes.
- Tavares, K. M. (2004). *Treinamento com peso para adolescentes com baixa autoestima*. Monografia de Conclusão de Curso. Centro Universitário Metodista IPA. Porto Alegre.
- Teicher, M. H., Samson, J. A., Polcari, A., & McGreenery, C. E. (2006). Sticks, stones, and hurtful words: relative effects of various forms of childhood maltreatment. *American Journal of Psychiatry*, 163(6), 993-1000.
- Teixeira, M. A. P., & Lopes, F. M. de M. (2005). Relações entre estilos parentais e valores humanos: um estudo exploratório com estudantes universitários. *Aletheia*, 22, 51-62.
- Waller, G., Corstorphine, E. & Mountford, V. (2007). Emotional abuse in the eating disorders: implications for treatment. *Eating Disorders*, 15, 317-331.
- Whiting, L. (1976). "Defining Emotional Neglect". *Children Today*, 6, 3-5.
- Wind, T., & Silvern, L. (1994). Parental warmth and childhood stress as mediators of the long-term effects of child abuse. *Child Abuse & Neglect*, 18, 439-453.
- Winnicott, D. W. (1965). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988
- Winnicott, D. W. (1986). *Home is where we start from*. New York: W.W. Norton & Company.
- Winnicott, D. W. (1988). *Human nature*. New York: Schocken Books.

### CAPÍTULO III

The repercussions of emotional abuse and parental styles on self-esteem, subjective well-being: a retrospective study with university students.

The repercussions of emotional abuse and parental styles on self-esteem, subjective well-being: a retrospective study with university students.

Sally Karina Brodski,

Claudio Simon Hutz

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Authors' notes

Mailing address: Sally Karina Brodski, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Rua Ramiro Barcelos, 2600, Bairro Santa Cecília, Porto Alegre, RS. Brazil

Phone (55-51) 33085246. ZIP Code 90035-003

E-mail: [karinabrodski@terra.com.br](mailto:karinabrodski@terra.com.br)

The repercussions of emotional abuse and parental styles on self-esteem, subjective well-being: a retrospective study with university students.

#### Abstract

The present study aimed to examine the links between the memory of emotional abuse and self-esteem, subjective well-being and to verify whether or not there was a difference in the incidence of the memory of emotional abuse based on the different parenting styles. The participants consisted of 305 university students (64.7% women and 35.3% men), ranging from 17 to 62 years of age ( $M=21.6$  years;  $SD=5.4$ ), from a university in Porto Alegre, Brazil. The sample was chosen by convenience. Subjects answered self-report questionnaires comprising demographics, emotional abuse in childhood, self-esteem, subjective well-being, and parenting styles. Negative correlations were found between emotional abuse and self-esteem, positive affect and life satisfaction. Positive correlations were found between emotional abuse, age and negative affect. Regarding memories of emotional abuse, no interaction was found between maternal and paternal parenting styles with gender, but main effect was verified in relation to parenting styles. *Post hoc* tests (Scheffe) revealed significant differences between groups.

*Keywords:* Emotional abuse; self-esteem; subjective well-being; parenting styles.

## **Introduction**

Towards the end of the 1970's, Garbarino (1978) studied the different forms of abuse. Research and practice have been growing in the last three decades in the United States, but in Brazil, very little empirical literature that contemplates this specific sort of abuse, is found. In Brazil, the Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990) was created in 1990 to attend the needs of children and adolescents. These young people were to be regarded under the fundamental human rights inherent to all mankind, without being deprived of the total protection that this law enforces, ensuring to them all the available opportunities, so that their physical, moral, spiritual and social development be enabled with freedom and dignity.

The emerging concern of the origin of EA as well as the repercussions of negative experiences during childhood and adolescence and its resonance in adult life have been the core of a few studies and a concern to several researchers in the field of mental health. (Albornoz & Nunes; 2004; Garbarino, 1978, 1991; Hart & Brassard, 1987). There have been attempts in order to offer appropriate definitions to EA ( Emotional Abuse), for it is manifested in a subtle fashion, leaving deep emotional scars, despite social and or cultural background underlying all other forms of child abuse. (Goldsmith & Freyd, 2005; O'Hagan, 1995; Portowood, 1999; Schore, 2001).

Garbarino, along with Guttman and Seeley, (1986) redefined psychological maltreatment (in this paper it will be thought and accounted for as a synonym for emotional abuse or EA) as a concerted attack by an adult on a child's development of self and social competence, and a pattern of psychically destructive behavior. According to these researchers, besides the patterns of behavior of rejecting, isolating, terrorizing, exploiting/corrupting, denying emotional responsiveness and mental health, medical and educational neglect were added, turning it into a unifying concept that embodies emotional abuse and neglect (Myers et al., 2002).

Emotional abuse of children and youth consists of acts of omission or commission perpetrated, judged on the basis of a combination of community standards and professional expertise to be psychologically damaging (Garbarino, Gutman & Seeley, 1986; Myers et al., 2002). Such acts are committed by individuals, singly or collectively, who by their characteristics such as age, status, knowledge and organizational form, are in a position of differential power, rendering a child to behavioral and cognitive damage (Proceedings, 1983).

EA has been associated with several pathologies such as: loss of appetite (Oliveira & Brodski, submitted), lying and stealing, decreased emotional responsiveness, depression, low self-esteem, coping difficulties, inability to trust others, emotional instability, failure to thrive, withdrawal, suicide and homicide among others (Finzi-Dottan & Karu, 2006; Iwaniec, 1996; Myers et al., 2002).

Bingelli et al. (2002) estimated that EA may have been a significant presence in the childhood histories of more than one third of the general adult population of the United States with an estimate that 10 to 15% of all people have experienced the more severe and chronic forms of this abuse. The phenomenon of child abuse in general is not limited to the United States, and research on the subject is needed from and largely applicable to all peoples of the world. (Carleton, 2006)

In Brazil, there is a lack of empirical studies published in Portuguese in the main journals, about this form of abuse. Some authors think that EA is not clearly demarcated by any specific behavior concerning the abuser. The definitions tend to be based upon the victim's perception about the attempt. (Waller, Corstorphine & Mountford, 2007). However, Myers et al (2002) stated that EA is defined in terms of perpetrator acts, rather than on the effects on the child. Such acts are judged to be abusive based on their nature including factors such as severity, frequency and meaning, and they must be assessed in their ecological context, to determine if they place a child at a significant risk for harm or violate the standard of care.

In the re-examination of the multifaceted definitions of the concept of EA, Hart et al. (2002) identified a deficient empathy on the part of parents or caretakers, together with an emotional unavailability with a subcategory of this broader concept naming it denial of emotional responsiveness. These inappropriate acts harm the development of self-esteem, social skills, capacity for intimacy, likely causing a handicap for future healthy interpersonal relationships and a lack of care by the parents, therefore, regarded as EA (Albornoz & Nunes, 2004; Garbarino, 1991; Hart et al. , 2002; Morton & Salovitz, 2006; O' Hagan, 1995).

Empirical studies corroborated EA to predict unfavorable consequences of greater depth than physical abuse (Erickson & Egeland, 2002). The present research aimed to study the relationship between emotional abuse, self-esteem, subjective well-being and parental styles.

**Emotional abuse and self-esteem.**

Self-esteem level refers to people's representations of their typical, or general, global feelings of self-worth. Thus, self-esteem level reflects people's representations of how they typically feel about themselves through time and context. Although these representations can change, they usually occur slowly and over an extended period of time (Rosenberg, 1986).

Furthermore, self-esteem level exhibits considerable rank-order stability, even over a period of many years (Rosenberg, 1986). Developmentally, harsh or controlling family environments are thought to promote fragile, unstable feelings of self-worth (Kernis, Brown, & Brody, 2000). Self-esteem is expressed through an attitude of approval or repulsion towards oneself and comprises self-judgment, an overall evaluation of one's worth or value (Rosenberg, 1965). Personal judgment is revealed through the person's attitude towards his or herself, becoming a subjective experience accessible to people through verbal discourse, and observable behavior (Avanci et al, 2007).

Clinical studies have tried to understand the mechanisms that link between childhood EA, that is, the upbringing and psychopathology in adult life (Myers et al., 2002). The child who was emotionally abused has a damaged self-esteem due to the harm affecting the notion of well-being inflicting his or her personality and affection the development of the self, well into adult life (Finzi-Dottan & Karu, 2006; Garbarino, 1978; Myers et al., 2002).

Studies about the use of Eye Movement Desensitization and Reprocessing (EMDR) which allow the stimulation of cerebral hemispheres in order to help patients in dealing with painful memories were written by Maxwell (2003). During EMDR treatment, the patient explored the dichotomous thinking that had plagued her since childhood, and correspondingly, the role of childhood physical and EA in her chronic feelings of inadequacy and anxiety. The client experienced significant improvement in her levels of anxiety and problems with self-esteem, both at the end of treatment and at one year follow up. The EMDR technique was developed by Shapiro in 1980.

According to Garbarino, Guttman and Seeley (1986), investigators who have carefully explored families involved in abuse, report that rarely one form of abuse occurs alone, or wherever the relationship between parents and children is nurturing. Tavares (2004) conveys that many parents contribute to the decrease of self-esteem of their children by constantly reprimanding them. The child then starts thinking of himself/herself as incapable of doing anything correctly; feeling he is flawed and starts building a negative self-image.

## **Emotional Abuse and Subjective Well-being**

The literature on SWB has focused on how and why people experience their lives in positive ways, including both cognitive judgments and affective reactions. As such, it covers studies that have used various terms like happiness, satisfaction, morale, and positive affect. The affective component is based on personal experiences and shapes the mood as well as the emotions. That being said, the person's affect comes from a balance between pleasant and unpleasant emotional experiences such as: happiness, pleasure, anxiety and anger, despite the context, socio-economic conditions, health and other variables that would allow an objective evaluation of life quality (Diener, Oishi & Lucas, 2003). Conversely, the cognitive component is characterized by the subject's perception of his satisfaction and fulfillment with life. Diener (1984) describes SWB under three categories. One of them, that will be used in this study, which defines well-being, investigates what makes people evaluate their lives under positive terms. Life satisfaction is regarded as the cognitive component which complements happiness, the affective dimension of positive functioning. According to Giacomoni (2004), the most commonly used assessment instruments for subjective well-being in research with adults nowadays are the Life Satisfaction Scale, from Diener, Emmons, Larsen and Griffin (1985) and the Positive and Negative Affect Schedule scale, from Watson, Clark and Tellegen (1988).

Findings on developmental psychopathology observed that a high adaptation level and an empathic attunement to the child's needs are translated into empathic responsiveness, facilitating psychological well-being and stable, enduring self-esteem (Kohut, 1977, 1984; Kohut & Wolf, 1978; Winnicott, 1986, 1988). Recent empirical studies have found that the lack of the affective component of well-being is linked to a damaged self-esteem and depression (Moor & Silvern, 2006).

In this regard, this is one of the few studies that assessed empirically the links between memories of EA to symptoms by exploring the mediating role of perceived parental failure of empathy which refers to an exceedingly subtle and elusive form of abuse that often goes unnoticed while inflicting serious emotional damage and associating it with psychological impairment. Nevertheless, no studies were found showing correlations between subjective well-being and emotional abuse.

## **Emotional Abuse and Parenting Styles**

Parenting styles comprise, basically, the parents' attitude towards disciplinary problems, behavior control, children's emotional needs and decision making. Baumrind (1967, 1971)



described the parenting styles as globally stable patterns of behavior toward parents in his typology of socialization practices. She defined three patterns of parenting control (authoritarian, authoritative and permissive), and its consequences upon the children. Later on, Maccoby and Martin (1983) re-classified the styles from a demanding perspective (control, establishment of behavior patterns, discipline) as well as a responsiveness one (communication, affectivity, acquiescence) available on the parents' part. Thus, four parenting styles emerged: the authoritarian and authoritative pattern described by Baumrind (1967, 1971), and the new indulgent and negligent styles.

The authoritarian style (high demandingness and low responsiveness) is the one whose parents expect obedience and are more coercive, seeking authority, without encouraging communication and autonomy. In the authoritative style, with high demandingness and low responsiveness, the parents discuss the restrictions imposed and favor communication, encouraging autonomy by being responsive. The indulgent style (low demandingness and high responsiveness) is characterized by tolerance, affection and low control. These parents are compliant, rarely making demands or giving punishment. In the negligent style, (low demandingness and responsiveness) parents are lower in controlling the children's behavior as well as addressing their needs and demonstrating affection. Children raised under this pattern show the poorest scores of adjustment of the four styles, with less social and cognitive competence and more internalizing symptoms and behavior issues (Adalbjarnardottir & Hafsteinsson, 2001; Reppold & Hutz, 2003).

Findings have documented that parental failure of empathy is strongly associated with the occurrence of child abuse and contributes significantly to psychological maladjustment. In this sense, deficient parental empathy could be seen as a strong component of EA and a strong predictor of long-term psychological impairment (Iwaniec, 1996; Moor & Silvern, 2006). EA (emotional abuse) is defined in this thesis as acts of omission or commission inflicted by the parents or caretakers, based on community standards and professional expertise as being psychologically damaging.

The present study examined memories of emotional abuse in a Brazilian sample. The study aimed to investigate the relationship between memory of emotional abuse and self-esteem and subjective well-being, examined if there was a difference in the incidence on the memory of emotional abuse according to the parenting style, examined if there was a difference in the incidence of positive and negative affect, subjective well-being and self-esteem according to the parenting style.

## Method

### Participants

The participants consisted of 305 university students (64.7% women and 35.3% men), ranging from 17 to 62 years of age ( $M=21.6$  years;  $SD=5.4$ ), from the Federal University of Rio Grande do Sul. The subjects were chosen by convenience and their participation was voluntary.

### Procedures

The participants were tested in groups, although they were able to keep their responses confidential. Following an introduction of the study, each participant was asked to complete six questionnaires. All participants completed and returned their questionnaires immediately. In the event of a participant wishing to discuss issues raised by the questionnaires, sources of support were made available.

### Measures

**Sociodemographic questionnaire:** This questionnaire was designed to be completed in a few minutes and it asked questions about age, sex, program, family income, marital status, upbringing, cohabitation, occupation, use of medication, presence/absence of illnesses, corresponding treatment, psychological/medical care, previous experience of violence.

**Childhood Trauma Questionnaire (CTQ)** (Berstein & Fink, 1998) adapted for use in Brazil by Grassi-Oliveira, Stein & Pezzi (2006)

The CTQ (Berstein & Fink, 1998) is a 28-item retrospective self-report questionnaire designed to assess five types of negative childhood experiences. This form was used once, translated and validated into Portuguese and named QUESI (Questionário sobre Traumas na Infância - Grassi-Oliveira, Stein & Pezzi, 2006). The emotional abuse subscale reflects the degree to which respondents were verbally demeaned or felt humiliated (e.g., “People in my family called me things like stupid, lazy, or ugly”). The physical abuse subscale reflects the degree to which respondents were physically assaulted in ways that might result in injury (e.g., “I was punished with a belt, a board, a cord, or some other hard object”). The sexual abuse subscale reflects respondents’ experiences of coercive sexual contact (e.g., “Someone tried to make me do sexual things or watch sexual things,” “Someone molested me”). The emotional neglect subscale reflects the degree to which respondents’ emotional needs were not met (e.g., “I felt loved” \_reverse scored\_). The physical neglect subscale reflects the

degree to which respondents' physical needs were not met (e.g., "I didn't have enough to eat"). Each subscale is composed of five items. Three additional items assess tendencies to minimize or deny abuse. Respondents rate the truth of each item on a scale from 1 to 5, from "never true" to "very often true" when they were growing up. Thus, scores range from 5 to 25 for each abuse type. The CTQ has demonstrated reliability and validity, including test-retest reliability. Coefficients ranging from .79 to .86 over an average of 4 months, internal consistency reliability coefficients ranging from .66 to .92 across a range of samples (Bernstein & Fink, 1998). Convergent validity with ratings of childhood maltreatment of both clinicians and therapists, and a consistent five-factor structure (Bernstein & Fink, 1998; Bernstein et al., 1997; Fink et al., 1995; Scher et al., 2001).

### **Rosenberg Self-Esteem Scale** (Rosenberg, 1965)

The Rosenberg Self-Esteem Scale (SER, Rosenberg, 1979), adapted in Brazil by Hutz (2000), is a ten item Likert scale with items answered on a four point scale - from strongly agree to strongly disagree, with higher scores indicating higher self-esteem. The original sample for which the scale was developed consisted of 5,024 High School Juniors and seniors from 10 randomly selected schools in New York State. The subjects were instructed to read the list of statements dealing with their general feelings about themselves. If they strongly agreed, they should circle **SA**. If they agreed with the statement, they should circle letter **A**. If they disagreed, they should circle **D**. If they strongly disagreed, they should circle **SD**. In this scale, a response of Agree or Strongly Agree is to be scored as positive, unless the item is followed by an **R**, in which case a response of Disagree or Strongly Disagree is to be scored as positive. The SER has high internal consistency ( $\alpha = .78$ ), high test-retest validity ( $r = .85$ ).

### **Responsiveness and Demanding Scale** (Teixeira, Bardagi & Gomes, 2004)

The index of parental style was developed to approximate the responsiveness and demanding dimensions suggested by Baumrind (1971) and Maccoby and Martin (1983). The self report questionnaires contained 24 items on parenting practices that were taken from international existing measures and adapted to a Brazilian reality by Teixeira, Bardagi and Gomes (2004). The College students completed these measures answering in separate columns for mother and father. This scale allows through its gross scores the determination of the parental styles perceived by the children. Reliability indexes (Cronbach's *alpha*) observed for the final version with 24 items (12 related to demanding and 12 to responsiveness) was between .78 and .92. These results indicate that the new instrument has construct validity and

good internal consistency, and can be used in future research and other contexts such as clinical practice or in the school system.

### **Subjective well-being**

Positive and Negative Affect: Global life satisfaction was assessed with a questionnaire evaluating the following variables: Positive and Negative Affect. These variables were assessed through the Positive and Negative Affect Schedule (PANAS, Watson, Clark & Tellegen, 1988) validated and adapted in Brazil by Giacomoni and Hutz (1997). The scale consists of a number of words and phrases that describe different feelings and emotions and is formed by two orthogonal factors: positive affect ( $\alpha = .88$ ) and negative affect ( $\alpha = .86$ ). Each factor corresponds to 20 adjectives which express the subjects' moods and emotions such as: "friendly", "careful", "distressed", "and impatient". Every adjective is evaluated by the participants in a 5-Likert scale. Life Satisfaction: was assessed through the Life Satisfaction Scale (Diener, Emmons, Larsen & Griffin, 1985; Pavot, Diener, Colvin & Sandvik, 1991; Pavot & Diener, 1993). It was validated and adapted in Brazil by Hutz, Bardagi, Souza and Stenert (2009) and comprises five items such as: "My life is very close to my ideal" and "Up to this moment I have achieved the important things I want out of life". This scale shows adequate internal consistency ( $\alpha = .91$ ). The answers are based upon a 7 Likert Scale. Both scales, described were adapted and validated in the assessment laboratory of UFRGS and are presently about to be published. All the items of the PANAS were administered during class, with the permission of the teacher in charge.

### **Results**

The 28 items of the Childhood Trauma Questionnaire were submitted to a factor analysis (oblimin rotation) and only one factor was extracted. The screen plot shows that a one-factor is indeed the best solution.

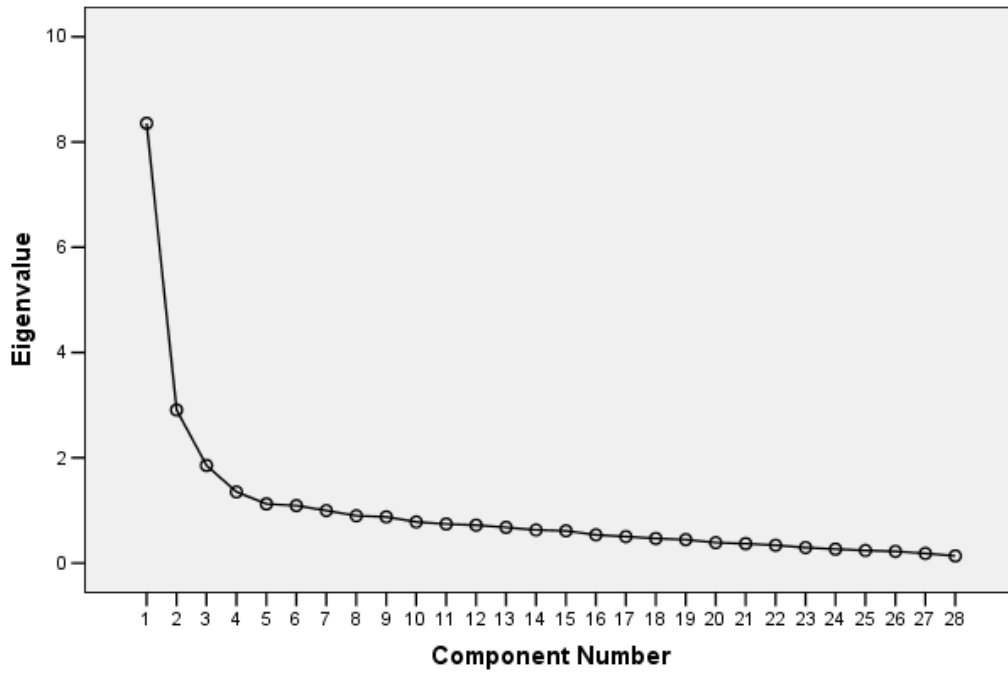


Figure 1. Scree plot of the Childhood Trauma Questionnaire Factorial Analysis

All the original items loaded satisfactorily (loads between .30 and .77). The eigenvalue was 8.5 and the internal consistency was good with a Cronbach *alpha* of .85. This result is different from the original proposition that suggested that this instrument would have five dimensions. Therefore, a single score was used for emotional abuse. There were no differences concerning gender, so the analysis was performed with the group as a whole [ $t(304) = .30, p > .77$ ].

After that, analysis were performed to examine the differences in means of memories of EA with parenting styles, self-esteem, SWB, positive and negative affect. Table 1 shows the means and standard deviations that were found.

TABLE 1. Means and Standard Deviations of Parental styles and Abuse, Self-esteem, Positive Affect, Negative Affect and Life Satisfaction Variables

	Mother Parental Style								Father Parental Style							
	authoritative		negligent		authoritarian		indulgent		authoritative		negligent		authoritarian		Indulgent	
	Mean	SD	Mean	SD	Mean	SD	Mean	SD	Mean	SD	Mean	SD	Mean	SD	Mean	SD
Abuse	15.1	4.5	26.1	11.3	26.8	9	15.9	5.6	15.8	5.1	25.1	10.1	25.3	9.9	16.7	5.9
Self-esteem	34.1	4.8	31.8	5.4	30.2	5.3	34.5	3.7	34.1	4.3	31.5	5.4	30.4	5.2	34.0	4.7
Positive affect	68.2	12.2	60.7	11.0	58.2	11.5	67.5	10.8	69.1	11.5	60.3	11.3	57.5	11.9	67.6	9.7
Negative affect	42.2	13.9	46.1	14.5	51.8	14.5	42.3	9.9	41.5	12.6	48.6	14.9	50.3	13.2	43.5	12.0
Life satisfaction	29.9	5.9	23.5	6	23.2	5.5	27.4	4.4	28.5	5.3	23.5	6.1	23.1	4.9	26.9	4.8

No interaction was found for self-esteem between maternal and paternal parental styles and gender [ $F(3,258)<1$ ]. No gender difference was found for self-esteem [ $F(1, 258)<1$ ]. A difference was found for mother parenting styles [ $F(3, 258)=12.4$ ;  $p<.001$ ]. *Post hoc* tests (Scheffe) revealed significant differences between the means of authoritative and negligent parenting style ( $d=.5$ ;  $p<.04$ ), authoritative and authoritarian parenting style ( $d=.8$ ;  $p<.001$ ), negligent and indulgent parenting style ( $d=.6$ ;  $p<.05$ ) and authoritarian and indulgent parenting style ( $d=.9$ ;  $p<.001$ ). In the current study the internal consistency analysis of the Rosenberg Self-Esteem Scale was a Cronbach *alpha* of .89. All the means can be seen in table 1.

No main effect was found relating to gender [ $F(1,258)=1.14$ ;  $p<.29$ ], but main effect was found relating to parental styles [ $F(3,258)=9.1$ ;  $p<.001$ ]. *Post hoc* tests (Scheffe) revealed significant differences between authoritative and negligent parenting style ( $d=.6$ ;  $p<.04$ ), authoritative and authoritarian parenting style ( $d=.6$ ;  $p<.001$ ), negligent and indulgent parenting style ( $d=.5$ ;  $p<.025$ ) and authoritarian and indulgent parenting style ( $d=.6$ ;  $p<.004$ ).

Regarding positive affect, no interaction between maternal and paternal parental styles and gender was verified [ $F(3, 258)<1$ ]. No main effect was found in relation to gender [ $F(1, 258)<1$ ], but main effect was found in relation to parental styles [ $F(3, 258)=12.9$ ;  $p<.001$ ]. *Post hoc* tests (Scheffe) showed significant differences between the authoritative and negligent maternal and paternal parenting style ( $d=.7$ ;  $p<.001$ ), authoritative and authoritarian maternal and paternal parenting style ( $d=.8$ ;  $p<.001$ ), negligent and indulgent maternal and paternal parenting style, ( $d=.6$ ;  $p<.02$ ) as well as authoritarian and indulgent maternal and paternal

parenting style ( $d=.8$ ;  $p<.001$ ). In the present study, the internal consistency analysis was Cronbach's  $\alpha$  .86 for the subscale of negative affect and .88 for positive affect.

Assessing negative affect, no interaction was found between maternal and paternal parental styles and gender [ $F(3, 258) < 1$ ]. No main effect was verified concerning gender [ $F(1, 258)=1.3$ ,  $p>.3$ ]. In contrast, a main effect was verified related to maternal and paternal parental styles [ $F(3, 258)=8.4$ ;  $p<.001$ ]. *Post hoc* tests (Scheffe) revealed significant differences between authoritative and authoritarian parenting style ( $d=.8$ ;  $p<.001$ ), as well as authoritarian and indulgent parenting style ( $d=.8$ ;  $p<.001$ ).

Regarding paternal parental styles no main effect was found relating to gender [ $F(1,258)=2.2$ ;  $p<.14$ ]. *Post hoc* tests (Scheffe) revealed significant differences between groups authoritative and negligent parenting style ( $d=.6$ ;  $p<.005$ ) as well as authoritative and authoritarian parenting style ( $d=.8$ ;  $p<.004$ ).

Regarding memories of emotional abuse, no interaction was found between maternal parenting styles and gender [ $F(3,247) < 1$ ]. No main effect was found regarding gender [ $F(1,247) < 1$ ], but main effect was verified in relation to parental styles [ $F(3,247) = 48.0$ ;  $p < .001$ ]. *Post hoc* tests (Scheffe) revealed significant differences between authoritative and negligent parenting style ( $d=1.2$ ;  $p<.001$ ), authoritative and authoritarian parenting style ( $d=1.4$ ;  $p<.001$ ), negligent and indulgent parenting style ( $d=1.0$ ;  $p<.001$ ), as well as authoritarian and indulgent parenting style ( $d=1.2$ ;  $p<.001$ ).). In the current study the internal consistency analysis of the Childhood Trauma Questionnaire was a Cronbach  $\alpha$  of .85.

Regarding memories of emotional abuse, no interaction among paternal parental styles and gender was detected [ $F(3,258)<1$ ]. No main effect was found relating to gender [ $F(1,258)<1$ ], but main effect was found relating to parental styles [ $F(3,258)=5.9$ ;  $p<.001$ ]. *Post hoc* tests (Scheffe) revealed significant differences between groups authoritative and authoritarian parenting style ( $d=0.6$ ;  $p<.001$ ), as well as authoritarian and indulgent parenting style ( $d=0.8$ ;  $p<.001$ ).

Regarding memories of physical abuse, no interaction was found between maternal parenting styles and gender [ $F(3,247) < 1$ ] as well as paternal parenting styles and gender [ $F(3,258) < 1$ ]. No main effect was found regarding gender [ $F(1,247) < 1$ ], but main effect was verified in relation to parental styles [ $F(3,247) = 14.0$ ;  $p < .001$ ]. *Post hoc* tests (Scheffe) revealed significant differences between authoritative and authoritarian parenting style ( $d=1.0$ ;  $p<.001$ ), negligent and authoritarian parenting style ( $d=0.5$ ;  $p<.001$ ), as well as authoritarian and indulgent parenting style ( $d=1.0$ ;  $p<.001$ ).

Regarding memories of physical abuse, no interaction among paternal parental styles and gender was detected [ $F(3,258)<1$ ]. No main effect was found relating to gender [ $F(1,258)<1$ ], but main effect was found relating to parental styles [ $F(3,258)=5.9; p<.001$ ]. *Post hoc* tests (Scheffe) revealed significant differences between groups authoritative and authoritarian parenting style ( $d=1.1; p<.001$ ), authoritative and negligent ( $d = 1.1$ ), negligent and indulgent ( $d = 0.8$ ) as well as authoritarian and indulgent parenting style ( $d=0.9; p<.001$ ).

Regarding paternal parental styles no main effect was detected regarding gender [ $F(1,258)=1.54; p<.22$ ], but main effect was verified regarding parental styles [ $F(3,258)=13.3; p<.001$ ]. *Post hoc* tests (Scheffe) revealed significant differences between authoritative and negligent parenting style ( $d=.8; p<.001$ ), authoritative and authoritarian parenting style ( $d=.8; p<.001$ ), negligent and indulgent parenting style ( $d=.6; p<.001$ ) as well as authoritarian and indulgent parenting style ( $d=.7; p<.001$ ).

Pearson correlations were run in order to assess potential relationships between variables. Table 2 describes the correlations between the variables involved. Emotional abuse correlated negatively with self-esteem ( $p<.01$ ); positive affect ( $p<.01$ ) and life satisfaction ( $p<.01$ ). Emotional abuse correlated positively with age ( $p<.01$ ) and with negative affect ( $p<.01$ ).

TABLE 2. Pearson correlation coefficients of Age, Self-esteem, Positive Affect, Negative Affect, Emotional Abuse and Life Satisfaction

Variables	Age	Self-Esteem	Positive Affect	Negative Affect	Emotional Abuse
Age	-				
Self-Esteem	0.09	-			
Positive Affect	0.11	0.55**	-		
Negative Affect	-0.36	-0.57**	0.33	-	
Emotional Abuse	0.20	-0.33	-0.24	0.33	-
Life Satisfaction	-0.17	0.61**	0.45**	0.51**	-0.40**

\*\* Correlation is significant at the 0.01 level (two-tailed)

\* Correlation is significant at the 0.05 level (two-tailed)

In order to evaluate differences between groups, *t* tests were run in memories of emotional abuse, positive affect, negative affect, life satisfaction and self-esteem regarding having been exposed to violence, holding or not a job, being or not under psychological treatment. The subjects who reported having been exposed to violence showed higher mean



scores of negative affect ( $M=48.9$ ;  $SD=13.4$ ) than those who did not report ( $M=45.2$ ;  $SD=13.3$ ,  $d=0.3$ ). This difference was significant [ $t(289)=2.02$ ;  $p<.05$ ]. The same subjects also showed higher mean scores of emotional abuse ( $M=21.3$ ;  $SD=7.9$ ) than subjects that were not exposed to violence ( $M=19.1$ ;  $SD=6.4$ ,  $d=0.3$ ). This difference was also significant [ $t(76)=2.20$ ;  $p<.03$ ]. On the other hand, subjects who reported having been exposed to violence showed lower scores of self-esteem ( $M=31.1$ ;  $SD=5.8$ ) than those who were not exposed ( $M=33.0$ ;  $SD=4.9$ ,  $d=0.4$ ) [ $t(84)=2.3$ ;  $p<.05$ ]. This difference was considered significant due to previous literature findings concerning self-esteem (Jean et.al., 2009).

Subjects who held jobs showed higher mean scores of emotional abuse ( $M=20.9$ ;  $SD=6.5$ ) than those who did not ( $M=19.9$ ;  $SD=6.1$ ;  $d=0.2$ ). This difference was statistically different [ $t(277)=2.2$ ;  $p<.01$ ]. Differences in life satisfaction were verified as well [ $t(290)=3.6$ ;  $p<.001$ ]. Working subjects ( $M=23.8$ ;  $SD=5.8$ ) showed life lower satisfaction averages than those who did not work ( $M=26.4$ ;  $SD=5.3$ ;  $d=0.5$ ). Regarding the subjects who underwent psychological treatment with those who did not, differences in the scores of self-esteem were found [ $t(290)=2.3$ ;  $p<.01$ ] as well as of negative affect scores [ $t(290)=2.6$ ;  $p<.01$ ]. Self-esteem mean scored higher in those subjects who had never undergone psychological treatment ( $M=33.0$ ;  $SD=4.9$ ) than in those who had ( $M=31.6$ ;  $SD=5.3$ ,  $d=0.3$ ). Subjects who received psychological treatment showed higher mean scores in negative affect ( $M=48.5$ ;  $SD=14.6$ ) than those who did not receive it ( $M=44.3$ ,  $SD=12.3$ ,  $d=0.3$ ).

## Discussion

This study investigated the relations between memories of emotional abuse, self-esteem, subjective well-being and perceived parental styles. Most of the results found were in accordance to previous findings, as expected.

The present study is the first one developed in Brazil, to our knowledge, to establish a link between memories of emotional abuse, positive and negative affect, life satisfaction, self-esteem and parental styles in a non-clinical sample. Although causation cannot be implied from correlational results, it was possible to observe a relation between parental styles and memory of emotional abuse. It was possible to verify, among the subjects of this study, that those who scored higher means of memory of emotional abuse reported having been under the care of negligent mother and father parenting styles. The same pattern was found regarding authoritarian mother and father parenting styles. These findings are in accordance with the literature about childhood EA that has been linked with, for example, parental domination and control, i.e. authoritarian parental style in this study (Edwards & Alexander, 1992).

Other finding shows that Emotional abuse is found where there is a lack in parental support (Merrill et al., 2001), regarded as the neglectful parental style in this study, and in homes where parents are violent and neglectful (NeyTak, Adele, & Wickett, 1994; Peleikis, 2004), poor attachment and in troubled parent-child relationships (Adalbjarnardottir & Hafsteinsson, 2001; Finzi et al., 2001; Higgins et al., 2003; Lynch & Cicchetti, 1991; Pacheco et al., 1999; Reppold & Hutz, 2003).

On the other side, our findings showed that those who reported having been under the care of authoritative and indulgent parents showed the lowest means of memories of emotional abuse among the parenting styles. These patterns were expected and confirmed by other findings (Adalbjarnardottir & Hafsteinsson, 2001; Aunola et al., 2000; Lamborn et al., 1991; Wolfradt et al., 2003)

Our results sample showed that self-esteem and emotional abuse are correlated. The former result is consistent with previous empirical research describing the psychopathological connections emotional abuse can have with the adult's self-esteem (Gross & Keller, 1992; Finzi-Dottan & Karu, 2006; Maxwell, 2003; Moor & Silvern, 2006; Yates, 2007). In keeping findings from other studies (Baumrind 1967, 1971; Maccoby & Martin, 1983) the present results indicate that the two more deleterious parenting styles showed to be the authoritarian and negligent ones and have an association with adult psychological impairment in their self-esteem (Egeland, 2009; Moor & Silvern, 2006).

Regarding positive and negative affect and life satisfaction, our study shows that negligent and authoritarian mother and father parental styles presented the highest mean scores. Consistent with findings about developmental psychopathology it is observed that a high adaptation level and an empathic attunement to the child's needs is translated into empathic responsiveness and facilitates psychological well-being and stable, enduring self-esteem (Kohut, 1977, 1984; Kohut & Wolf, 1978; Winnicott, 1986, 1988; Yates, 2007). The opposite appears to be true as well, as perceived parental failure of empathic attunement and responsiveness, (regarded in this study as neglectful and authoritarian parental styles) leads to psychopathological outcomes (Moor & Silvern, 2006; Egeland, 2009).

The negligent parenting style that prevailed in this study showed to be the most deleterious one and consistent with clinical descriptions of developmental and personality damage caused by parental emotional abuse, as well as with empirical research describing severe psychopathological consequences in adult life (Egeland, 2009; Finzi-Dottan, & Karu, 2006, Garbarino, Gutman & Seeley, 1986; Hart et al., 2002). Neglectful parenting was in this

study characterized by parents who lacked controlling their children's behavior as well as addressing their needs and demonstrating affection.

Pearson correlations revealed significant relations among the variables: Age, Self-esteem, Positive Affect, Negative Affect, Emotional Abuse and Life Satisfaction. This study shows developmental links with other variables such as self-esteem, meaning, the more memories the subjects showed in their CTQ of emotional abuse, the lower were their scores of self-esteem, positive affect and life satisfaction. These results corroborate with international studies that provide findings that link the memory of emotional abuse and self-esteem (Finzi-Dottan & Karu, 2006; Garbarino, 1978; Myers et al., 2002; Shaffer et al., 2009).

The correlations found between most variables suggest that it is possible to consider a trend in the sense that, people who reported having memories of emotional abuse, showed higher scores of negative affect, lower scores of self-esteem, positive affect and life satisfaction. In addition, subjects who scored higher in life satisfaction, showed higher scores of positive affect and self-esteem and lower scores of negative affect.

The amount of empirical studies that assess the correlation between emotional abuse and life satisfaction is scarce. In Korea there was a study that showed emotional abuse is highly associated with suicidal behavior among medical students. It proved to be a stronger risk factor to suicide than the stress caused by the academy itself (Jeon et al., 2009; Yates, 2007).

Reinforcing the former results is the fact that it was possible to find, in our sample, that the memories of emotional abuse were positively associated with age, possibly suggesting that, as people grow older, they tend to have more memories of emotional abuse. It could be hypothesized that as these college students grow older and are less dependent on their caregivers, they allow the memory of emotionally abusive experiences, often repressed, to come to surface. We realize this is a small correlation, but relevant enough to be mentioned.

Our findings are also consistent with prior research demonstrating that the emotional invalidation that victims of child emotional abuse often experience, strongly leads them to adult adjustment difficulties. From the perspective of the attachment theory, children rely on their parents for help in regulating their arousal (Bowlby, 1982). However, when children's parents are frequently emotionally abusive, their arousal level may be chronically heightened, leading to difficulties developing effective emotion regulation strategies (Yates, 2007) This finding was confirmed in the present study where the college students, who were once children, showed high scores of memory of EA as well as high scores of negative affect.

On the other hand, it is important to acknowledge that they were able to succeed in school and start a college education. Not all children victimized by abuse report further problems (Caspi et al., 2002). We could hypothesize that some subjects are able to overcome their past and move forward.

Additionally, it is important to consider the retrospective nature of the instruments used in this study. The retrospective memory of emotional abuse was assessed through the CTQ, and our subjects were adults from various age ranges. Thus, the answers given by the subjects could have been biased by memory and could also represent the individual's interpretation of his childhood life. As an example, the concept of parenting viewed through retrospective instruments have been shown to be influenced by many factors such as cultural concepts (Garbarino & Ebata, 1983; Seganfredo et. al, 2009) about offspring upbringing, as well as temperamental aspects of the parents and child..

## **Conclusions**

This study has some limitations; first the retrospective nature of some of the instruments to assess the memory of childhood experiences may limit some of the conclusions. Despite the fact of this retrospective design, this study has the strength of using self-report instruments. Brewin, Andrews and Gotlib (1991) state that retrospective reports are subject to various limitations and researchers and clinicians must develop strategies to enhance their reliability.

Obtaining accounts from other informants and structured investigative methods are recommended in order to minimize unrealistic demands on subjects' memory. On the other hand, Dill et al. (1991) showed that self-report instruments, such as ours, to evaluate childhood trauma, are more likely to elicit truthful responses than clinical interviews.

Recent studies have shown that children who have gone through abusive experiences may have a negative internal working model of others in which adults are viewed as dangerous people who may hurt them (Kozanowski, 2007). Hence, within a clinical perspective, establishing a good therapeutic alliance and building a relationship based in trust, may be a difficult task for this child in the present, as well as in the future. For that matter, findings show that if the therapist has the tools to work with this subtle and silent pathology, he can be a source of strength and be a secure attachment base (Bowlby, 1988). Furthermore he can become a new identification figure in order to help the patient manage more appropriately with daily events and manage situations that relate to separations and any related distress that may follow those (Kozanowski, 2007).

Finally, practice and academy should embrace this issue and hopefully the results found in this study will encourage further research in the field of abuse. Clinicians could benefit from research and improve the interventions as well as diagnosis once they are more aware of the picture.

The present results are correlational and, as such, do not imply causality. Also, perhaps qualitative and longitudinal research (English, Bangdiwala & Runyan, 2005) can address this issue more closely and further clarify the precise relation between the outcomes perceived following emotionally abusive (traumatizing) experiences in childhood and lack of positive affect and life satisfaction, since this research is the first one in Brazil to address these links.

The literature revision led us to think that the topic of emotional abuse is extremely serious and relevant. Nevertheless, there has not been a broad empirical examination comprising this issue in Brazil, as well as its short and long-term consequences. Having said this, it is adamant that more studies take place in Brazil in order to allow us to identify and study extensively EA and its pervasive consequences along human development. If this goal is achieved, new strategies can be created in the future in order to offer some sort of support to children and their parents.

## REFERENCES

- Adalbjarnardottir, S., & Hafsteinsson, L. G. (2001). Adolescents' perceived parenting styles and their substance use: Concurrent and longitudinal analyses. *Journal of Research on Adolescence, 11*(4), 401-423.
- Albornoz, A. C. G., & Nunes, M. L. T. (2004). A dor e a constituição psíquica. *Psico-USF, 9* (2), 211-218.
- Aunola, K., Sttatin, H., & Nurmi, J. (2000). Parenting styles and adolescents achievement strategies. *Journal of Adolescence, 23*(2), 205-222.
- Avanci, J. Q., Assis, S. G., Santos, N. C. & Oliveira, R. V. C. (2007). Adaptação transcultural de Escala de Autoestima para adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 20*(3), 397-405.
- Baumrind, D. (1967). Child care practices anteceding three patterns of preschool behavior. *Genetic Psychology Monographs, 75*, 43-88.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology Monograph, 4*, 1-103.
- Bernstein, D. P., & Fink L (1998) *Childhood Trauma Questionnaire: A retrospective self-report*. San Antonio (TX): Harcourt Brace and Co.
- Bernstein, D. P.; Stein, J. A., Newcombc, M. D., Walker, E., Pogge, D., Ahluvalia, T., Stokes, J., Handelsman, L., Medranoh, M., Desmondh, D., & Zule, W.(2003). Development and validation of a brief screening version of the Childhood Trauma Questionnaire. *Child Abuse & Neglect, 27*, 169–190.
- Bowlby, J. (1982). *Attachment and loss: Vol. 1. Attachment* (2nd ed.). New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1988). *Cuidados maternos e saúde mental*. São Paulo: Martins Fontes.
- Brewin, C. R., Andrews, B., & Gotlib, I. H. (1991). Psychopathology and early experience: A Reappraisal of Retrospective Reports. *Psychological Bulletin, 113*, 82-98
- Carleton, R. A. (2006). Does the mandate make a difference? Reporting decisions in emotional abuse. *Child Abuse Review, 15*, 19-37.

- Caspi, A., & Moffitt, T. E. (2006). Gene-environment interactions in psychiatry: joining forces with neuroscience. *Nature Review Neuroscience*, 7(7), 583-590.
- Diener, E. (1984). Subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 95(3), 542-575.
- Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. E., & Griffin, S. (1985). The satisfaction with life scale. *Journal of Personality Assessment*, 49, 91-95.
- Diener, E., Oishi, S. & Lucas, R. E. (2003). Personality, culture and subjective well-being: *The science of happiness and life satisfaction*. In C. R. Snyder, & S. J. Lopez (Eds.) *Handbook of positive psychology* (pp. 63-73). New York: Oxford University Press.
- Dill, D.L., Chu, J.A. , Grob, M.C. , & Eisen, S.V. (1991) The reliability of abuse history reports: a comparison of two inquiry formats. *Comprehensive Psychiatry*, 32(2), 166-9.
- Edwards, J., & Alexander, P. (1992). The contribution of family background to the long-term adjustment of women sexually abused as children. *Journal of Interpersonal Violence*, 7(3), 306-320.
- Egeland, B. (2009). Taking Stock: Childhood emotional maltreatment and developmental psychopathology. *Child Abuse & Neglect*, 33, 22-26.
- English, D. J., Bangdiwala, S. I., & Runyan, D. K. (2005) The dimensions of maltreatment: Introduction. *Child Abuse & Neglect*, 29, 441–460.
- Erickson, M. F., & Egeland, B. (2002). Child neglect. In J. E. B. Myers, L. Berliner, J. Briere, C. T. Hendrix, J. Carole & T.A. Reid (Eds.), *The APSAC handbook on child maltreatment*, 2, 3-20. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA. Ministério da Justiça - Brasil (1990). Retrieved in January 5, 2009, from [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8069Compilado.html](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069Compilado.html).
- Finzi, R., Ram, A., Har, D., Shnit, D., & Weizman, A. (2001). Attachment styles and aggression in physically abused and neglected children. *Journal of Youth & Adolescence*, 30, 769-786.
- Finzi-Dottan, R., & Karu, T. (2006). From emotional abuse in childhood to Psychopathology in adulthood a path mediated by immature Defense Mechanisms and self-esteem. *The Journal of Nervous and Mental Disease*, 194(8), 616-621.
- Garbarino, J. (1978). The elusive “crime” of emotional abuse. *Child Abuse and Neglect*, 2, 890-899.
- Garbarino, J., & Ebata, A. (1983). The significance of ethnic and cultural differences in child maltreatment. *Journal of Marriage and the Family*, 45(4), 773.
- Garbarino, J., Guttman, E., & Seeley, J. W. (1986). *The psychologically battered child*. San Francisco, California: Jossey-Bass Publishers.

- Garbarino, J. (1991). Not all bad developmental outcomes are the result of child abuse. *Development and Psychopathology*, 3, 45-50.
- Giacomoni, C. H., & Hutz, C. S. (1997). A mensuração do bem-estar subjetivo: escala de afeto positivo e negativo e escala de satisfação de vida [Resumos]. Em Sociedade Interamericana de Psicologia (Ed.), *Anais XXVI Congresso Interamericano de Psicologia* (p. 313). São Paulo, SP: SIP.
- Giacomoni, C. H. (2004). Bem-estar subjetivo: em busca da qualidade de vida. *Temas em Psicologia da SBP*, 12(1), 43-50.
- Goldsmith, R.E., & Freyd, J.J. (2005). Awareness for emotional abuse. *Journal of Emotional Abuse* 5(1), 20-25.
- Grassi-Oliveira, R., Stein, L. M., & Pezzi, J. C. (2006). Tradução e validação de conteúdo da versão em português do Childhood Trauma Questionnaire. *Revista de Saúde Pública*, 40(2), 249-55.
- Gross, A.B., & Keller, H. R. (1992). Long-term consequences of childhood physical and psychological maltreatment. *Aggressive Behavior*, 18,171–185.
- Hart, S., & Brassard M. (1987). Psychological maltreatment, a major threat to children's mental health. *American Psychologist*, 42(2), 160-165.
- Hart, S. N., Brassard, M. R., Binggeli, N. J., & Davidson, H. A. (2002). Psychological maltreatment. In J. E. B. Myers, L. Berliner, J. Biere, C. T. Hendrix, J. Carole, & T. A. Reid (Eds.), *The APSAC handbook on child maltreatment* (2nd ed., pp.79-104). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Higgins, D. J., McCabe, M. P., & Ricciardelli, L. A. (2003). Child maltreatment, family characteristics, and adult adjustment: Mediating and moderating processes. *Journal of Aggression, Maltreatment, & Trauma*, 6, 61-86.
- Hutz, C. S. (2000). *Adaptação brasileira da Escala de Autoestima de Rosenberg*. Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS. Mimeo.
- Hutz, C. S., Bardagi, M. P., & Stenert, F. (2009). *Adaptação brasileira da Escala de Satisfação de Vida*. Manuscrito submetido para publicação. Laboratório de Mensuração, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Iwaniec, D. (1996). *The emotionally abused and neglected child*. Birmingham: John Wiley & Sons.



- Jeon, H.J., Roh, M.S., Kim, K.H., Lee, J.R., Lee, D., Yoon, S.C., & Hahm, B.J. (2009). Early trauma and lifetime suicidal behavior in a nationwide sample of Korean medical students. *Journal of Affective Disorders, 119*(1), 210-214.
- Kernis, M. H., Brown, A. C., & Brody, G. H. (2000). Fragile self-esteem in children and its associations with perceived patterns of parent-child communication. *Journal of Personality, 68*(2), 225-252.
- Kohut, H. (1977). *Restoration of the self*. New York: International Universities Press.
- Kohut, H., & Wolf, E. S. (1978). The disorders of the self and their treatment: An outline. *International Journal of Psychoanalysis, 59*, 413-425.
- Kohut, H. (1984). *How does analysis cure?* Chicago, IL: University of Chicago Press
- Kozanowski, S. S. (2007). Attachment theory in clinical work with maltreated children. *Section on Child Maltreatment Newsletter, Division 37, American Psychological Association, 12*(1), 3-4.
- Lamborn, S., Mounts, N., Steinberg, L., & Dornbusch, S. (1991). Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent and neglectful families. *Child Development, 62*, 1049-1065.
- Lynch, M., & Cicchetti, D. (1991). Patterns of relatedness in maltreated and nonmaltreated children. *Development and Psychopathology, 3*, 207-226.
- Maccoby, E. E., & Martin, J. A. (1983). Socialization in the context of the family: parent-child interaction. In E. M. Hetherington (Ed), *Mussen Manual of Child Psychology* (pp1-10). New York:Wiley.
- Maxwell, J. P. (2003). The imprint of childhood physical and Emotional Abuse: A case study on the use of EMDR to address anxiety and a lack of self-esteem. *Journal of Family Violence, 18*(5), 281-293.
- Merrill, L. L., Thomsen, C. J., Sinclair, B. B. Gold, S. R., & Milner, J. S. (2001). Predicting the impact of child sexual abuse on women: The role of abuse severity, parental support, and coping strategies. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 69*, 992-1006.
- Moor, A., & Silvern L. (2006). Identifying pathways linking child abuse to Psychological Outcome: The mediating role of perceived parental failure of empathy. *Journal of Emotional Abuse, 6*(4), 110-143.
- Morton, T., & Salovitz, B. (2006). Evolving a theoretical model of child safety in maltreating families. *Child Abuse & Neglect, 30*, 1317-1327.
- Myers, J. E. B. Berliner, L., Briere, J., Hendrix, C. T., Jenny, C., & Reid, T. A. (2002). *The APSAC Handbook on Child Maltreatment*. CA. Sage Publications.

- NeyTak, P. G., Adele, F., & Wickett, R. (1994). The worst combinations of child abuse and neglect. *Child Abuse and Neglect, 18*(9), 705-714.
- O'Hagan, K. P. (1995). Emotional and psychological abuse: Problems of definition. *Child Abuse & Neglect, 19*(4), 449-461.
- Oliveira, L. L., & Brodski, S. K. O abuso emocional infantil como fator de risco para o desenvolvimento de transtornos alimentares na adolescência. *Alethéia*.(submitted)
- Pacheco, J. T. B, Teixeira, M. A. P., & Gomes, W. B. (1999). Estilos parentais e desenvolvimento de habilidades sociais na adolescência. *Psicologia: teoria e pesquisa, 15*(2),117-126.
- Pavot, W.; Diener, E.; Colvin, C. R., & Sandvik, E. (1991). Further validation of the Satisfaction with Life Scale: evidence for the cross-method convergence of well-being measures. *Journal of Personality Assessment, 57*, 149-161.
- Pavot, W., & Diener, E. (1993). Review of the satisfaction with life scale. *Psychological Assessment, 5*(2), 164-172.
- Peleikis, D. E., Mykletun, A., & Dahl, A. A. (2004). The relative influence of childhood sexual abuse and other family background risk factors on adult adversities in female outpatients treated for anxiety disorders and depression. *Child Abuse and Neglect, 28*(1), 61-76.
- Portwood, S. (1999). Coming to terms with a consensual definition of child maltreatment. *Child Maltreatment, 4*, 56-68.
- Proceedings summary of the International Conference on Psychological Abuse of Children and Youth* (1983). Indianapolis:Office for the Study of Psychological Rights of the Child, Indiana University.
- Reppold, C. T., & Hutz, C. S. (2003). Exigência e responsividade parental como preditores de depressão em adolescentes no sul do Brasil. *Avaliação Psicológica, 3*, 175-184.
- Seganfredo, A.C.G., Torres, M, Giovanini Salum, A., Blaya. C., Acosta, J., & Eizirik,C. (2009) Gender differences in the associations between childhood trauma and parental bonding in panic disorder. *Revista Brasileira de Psiquiatria,31*(4) , 314-321.
- Shaffer, A., Yates, T. M., & Egeland B. R. (2009). *Child Abuse & Neglect, 33*, 36-44.
- Tavares, K. M. (2004). *Treinamento com peso para adolescentes com baixa autoestima*. Monografia de Conclusão de Curso. Centro Universitário Metodista IPA. Porto Alegre.
- Teixeira, M. A. P., Bardagi, M. P., & Gomes, W. B. (2004). Refinamento de um instrumento para avaliar responsividade e exigência parental percebidas na adolescência - Avaliação de responsividade e exigência parental percebidas, *Avaliação Psicológica, 3*(1), 01-12.

- Waller, G., Corstorphine, E., & Mountford, V. (2007). Emotional abuse in the eating disorders: implications for treatment. *Eating Disorders, 15*, 317–331.
- Watson, D., Clark, L.A., & Tellegen, A. (1988). Development and validation of brief measures of positive and negative affect: The PANAS scales. *Journal of Personality and Social Psychology, 54*, 1063-1070.
- Winnicott, D. W. (1986). *Home is where we start from*. New York: W.W. Norton & Company.
- Winnicott, D. W. (1988). *Human nature*. New York: Schocken Books.
- Wolfradt, U., Hempel, S., & Miles, J. N. V. (2003). Perceived parenting styles, depersonalisation, anxiety and coping behaviour in adolescents. *Personality and Individual Differences, 34*, 521-53.
- Yates, T. M. (2007). The developmental consequences of child emotional abuse: A neurodevelopmental perspective. *Journal of Emotional Abuse 7*(2), 9-34.

## CAPITULO IV

### Considerações Finais

Uma revisão dos trabalhos publicados nos últimos vinte anos por profissionais da saúde mental mostrou a dificuldade em definir com clareza o abuso emocional. Para tanto foi realizada uma revisão teórica com o intuito de conhecer as publicações disponíveis, bem como de compor um texto atualizado em português, já que a grande maioria da literatura encontrada era em inglês.

A escassez de estudos sobre o abuso emocional no Brasil faz com que a população não tenha consciência da relevância desta forma sutil de abuso, e, conseqüentemente, careça de meios para identificá-la. Teóricos internacionais afirmam que o abuso emocional é a forma mais grave de abuso (Bremner et al., 1999; Erickson & Egeland, 2002; Hart, Brassard, & Binggeli, 1998), no entanto a mais difícil de mensurar e comprovar.

Portanto, tomar conhecimento e construir literatura referente a esta forma de abuso poderá servir para chamar a atenção sobre a importância da identificação, notificação e combate do mesmo. Sugere-se que esta forma de abuso seja divulgada em toda a sociedade, num futuro próximo. Nesse sentido espera-se que a construção de literatura em português tenha um impacto positivo a ponto iniciar um processo de conscientização e que assim se torne possível a criação de programas para o treinamento de profissionais de diversas áreas do conhecimento, alertando-os para a importância da prevenção e do diagnóstico precoce dos casos de abuso emocional.

O segundo estudo realizado teve como objetivo pesquisar empiricamente se o abuso emocional se apresentava da mesma forma no Brasil, em comparação com os dados pesquisados na literatura relativos à população norte-americana, e suas repercussões entre a população universitária. Foi realizado um estudo quantitativo utilizando diversas escalas para avaliar autoestima, bem-estar subjetivo, afeto positivo e negativo, memórias de abuso emocional e estilos parentais. A pesquisa realizada possibilitou encontrar correlações negativas entre abuso emocional e autoestima, afeto positivo e satisfação de vida e correlações positivas entre abuso emocional, idade e afeto negativo. No que tange a memória de abuso emocional, não houve interação entre estilo parental de pai e de mãe e gênero, no entanto, foi verificado efeito principal entre os estilos parentais. Testes *post hoc* (Scheffe) revelaram diferenças significativas entre os estilos parentais autoritário, autoritativo, negligente e indulgente.

É preciso apontar algumas ressalvas pertinentes. Primeiramente, a utilização de um delineamento correlacional não permitiu avaliar situações de causa e efeito. A coleta de dados unicamente através de auto-relato dos estudantes, mesmo congruente com outros estudos na área, também não permitiu a comparação entre as descrições de pais e filhos acerca do comportamento parental e a investigação destas influências sobre as variáveis na incidência de memória de abuso emocional. Em futuras investigações, o uso de metodologias mais qualitativas, como entrevistas ou narrativas, podem auxiliar na compreensão de outros aspectos da influência parental sobre o desenvolvimento emocional (Sankey, & Young, 1996).

Apesar de os resultados deste estudo terem suscitado reflexões importantes sobre a influência dos estilos parentais no desenvolvimento emocional e no bem-estar subjetivo, a natureza dessa influência ainda não é suficientemente clara e merece maiores investigações (Blustein et al., 1991). Acredita-se na importância da divulgação deste tema para a população pelos meios de comunicação através de campanhas de esclarecimento aos adultos, crianças e adolescentes e que incentivem as denúncias de maus-tratos dentro das famílias.

Finalizando, espera-se que este seja o início de uma trajetória que traga frutos para a academia e para a clínica e que estas, trabalhando em conjunto possam enriquecer a pesquisa e assim beneficiar a prática. Considerando que o abuso emocional permeia todas as formas de abuso, esta, da mesma forma como as outras manifestações abusivas, é um problema de saúde pública e espera-se que seja considerada como tal.

## REFERÊNCIAS

- Blustein, D. L., Walbridge, M. M., Friedlander, M. L., & Palladino, D. E. (1991). Contributions of psychological separation and parental attachment to the career development process. *Journal of Counseling Psychology, 38*, 39-50.
- Bremner, J. D., Narayan, M., Staib, L. H., Southwick, S. M., McGlashan, T., & Charney, D. S. (1999). Neural correlates of memories of childhood sexual abuse in women with and without posttraumatic stress disorder. *American Journal of Psychiatry, 156(11)*, 1787-1795.
- Erickson, M. F., & Egeland, B. (2002). Child neglect. In J. E. B. Myers, L. Berliner, J. Briere, C. T. Hendrix, J. Carole & T.A. Reid (Eds.), *The APSAC handbook on child maltreatment, 2*, 3-20. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Hart, S., & Brassard M. (1987). Psychological maltreatment, a major threat to children's mental health. *American Psychologist, 42(2)*, 160-165.
- Sankey, A. M., & Young, R. A. (1996). Ego-identity status and narrative structure in retrospective accounts of parental career influence. *Journal of Adolescence, 19*, 141-153.

## ANEXOS

### ANEXO A - Questionário sóciodemográfico

Idade:

Sexo:

Curso/ Semestre:

Renda familiar: ( ) menos de R\$1.000,00 ( ) entre R\$ 1.000,00 e R\$ 2.000,00

( ) R\$ entre 2.000,00 e R\$ 4.000,00 ( ) R\$ 4.000,00 ou mais

Estado civil: ( ) solteiro ( ) namorando ( ) casado ou morando com companheiro(a)

( ) viúvo/divorciado/separado

Com quem você cresceu/foi criado? ( ) pai ( ) mãe ( ) amigos ( ) família ( ) outros

Com quem mora: ( ) pai ( ) mãe ( ) amigos ( ) irmãos ( ) família

Trabalha: ( ) sim ( ) não

Usa algum tipo de medicação? Qual? Há quanto tempo?

Tem alguma doença?

Está sendo tratado para alguma doença? Qual?

Recebe ou recebeu algum tipo de atendimento psicológico/psiquiátrico?

Foi vítima de alguma situação de violência durante sua vida ou recentemente?

## ANEXO B - Escala de autoestima de Rosenberg

Por favor, leia cada frase com atenção e faça um círculo em torno da opção mais adequada:

1. Eu sinto que sou uma pessoa de valor, no mínimo tanto quanto as outras pessoas.

( ) Concordo Totalmente ( ) Concordo ( ) Discordo ( ) Discordo Totalmente

2. Eu acho que eu tenho várias boas qualidades.

( ) Concordo Totalmente ( ) Concordo ( ) Discordo ( ) Discordo Totalmente

3. Levando tudo em conta, eu penso que eu sou um fracasso.

( ) Concordo Totalmente ( ) Concordo ( ) Discordo ( ) Discordo Totalmente

4. Eu acho que sou capaz de fazer as coisas tão bem quanto a maioria das pessoas.

( ) Concordo Totalmente ( ) Concordo ( ) Discordo ( ) Discordo Totalmente

5. Eu acho que eu não tenho muito do que me orgulhar.

( ) Concordo Totalmente ( ) Concordo ( ) Discordo ( ) Discordo Totalmente

6. Eu tenho uma atitude positiva com relação a mim mesmo.

( ) Concordo Totalmente ( ) Concordo ( ) Discordo ( ) Discordo Totalmente

7. No conjunto, eu estou satisfeito comigo.

( ) Concordo Totalmente ( ) Concordo ( ) Discordo ( ) Discordo Totalmente

8. Eu gostaria de poder ter mais respeito por mim mesmo.

( ) Concordo Totalmente ( ) Concordo ( ) Discordo ( ) Discordo Totalmente

9. Às vezes eu me sinto inútil.

( ) Concordo Totalmente ( ) Concordo ( ) Discordo ( ) Discordo Totalmente

10. Às vezes eu acho que não presto pra nada.

( ) Concordo Totalmente ( ) Concordo ( ) Discordo ( ) Discordo Totalmente



### ANEXO C- Escala de satisfação de vida

Logo abaixo, você encontrará 5 afirmativas. Assinale na escala ao lado de cada afirmativa o quanto ela descreve a sua situação pessoal. Não há respostas certas ou erradas, mas é importante você marcar com sinceridade como você se sente com relação a cada uma dessas afirmativas.

#### **A minha vida está próxima do meu ideal.**

Discordo Plenamente \_1\_1\_2\_3\_4\_5\_6\_7\_ Concordo Plenamente

#### **Minhas condições de vida são excelentes.**

Discordo Plenamente \_1\_1\_2\_3\_4\_5\_6\_7\_ Plenamente

#### **Eu estou satisfeito com a minha vida.**

Concordo Plenamente \_1\_1\_2\_3\_4\_5\_6\_7\_ Discordo Plenamente

#### **Até agora eu tenho conseguido as coisas importantes que eu quero na vida.**

Concordo Plenamente \_1\_1\_2\_3\_4\_5\_6\_7\_ Discordo Plenamente

#### **Se eu pudesse viver a minha vida de novo eu não mudaria quase nada.**

Concordo Plenamente \_1\_1\_2\_3\_4\_5\_6\_7\_ Discordo Plenamente

#### ANEXO D: Escala de afetos positivos e negativos- PANAS

Esta escala consiste de um número de palavras que descrevem diferentes sentimentos e emoções. Leia cada item e depois marque a resposta adequada no espaço ao lado da palavra. Indique até que ponto você tem se sentido desta forma ultimamente.

1	2	3	4	5
Nem um pouco	um pouco	moderadamente	bastante	extremamente
___ aflito		___ determinado		___ irritado
___ amável		___ dinâmico		___ medroso
___ amedrontado		___ envergonhado		___ nervoso
___ angustiado		___ entusiasmado		___ orgulhoso
___ animado		___ estimulado		___ perturbado
___ apaixonado		___ excitado		___ poderoso
___ apreensivo		___ forte		___ preocupado
___ arrojado		___ hostil		___ produtivo
___ assustado		___ humilhado		___ rancoroso
___ chateado		___ impaciente		___ tímido
___ cuidadoso		___ incomodado		___ vigoroso
___ culpado		___ inquieto		___ zeloso
___ decidido		___ inspirado		
___ delicado		___ interessado		

## ANEXO E - Escala de Responsividade e Exigência Parental

Abaixo há uma série de frases sobre atitudes de pais e mães. Para cada uma delas marque, à direita, a resposta que melhor se aproxima à sua opinião de acordo com a chave de respostas abaixo. Você pode usar os números 0, 1, 2, 3 e 4 dependendo da frequência ou intensidade com que ocorrem as situações descritas nas frases (quanto maior o número, mais freqüente ou intensa é a situação). Não esqueça que você pode usar os números intermediários (1, 2 e 3) para expressar níveis intermediários de frequência ou intensidade das situações, e não apenas as opções extremas representadas pelos números 0 e 4. Assinale apenas uma resposta por frase, e não deixe nenhum item sem resposta. Se você não mora com seus pais, responda como era na época em que vivia com eles.

**Chave de respostas: (quase nunca ou bem pouco) 0 -1 -2 - 3 - 4 (geralmente ou bastante)**

<i>A respeito de seus pais considera as seguintes frases:</i>	<i>MÃE</i>	<i>PAI</i>
1. Sabia aonde ia quando saía de casa.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
2. Controlava as minhas notas no colégio.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
3. Exigia que eu fosse bem na escola.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
4. Impunha limites para as minhas saídas de casa.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
5. Me cobrava quando eu fazia algo errado.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
6. Tinha a última palavra quando discordávamos sobre um assunto importante a meu respeito.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
7. Controlava os horários de quando eu estava em casa e na rua.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
8. Fazia valer as suas opiniões sem muita discussão.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
9. Exigia que eu colaborasse nas tarefas de casa.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
10. Me cobrava que eu fosse organizado(a) com as minhas coisas.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
11. Era firme quando me impunha alguma coisa.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
12. Me punia de algum modo se desobedecia uma orientação sua.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
13. Podia contar com a sua ajuda caso eu tivesse algum tipo de problema.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
14. Me incentivava a que eu tivesse minhas próprias opiniões sobre as coisas.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
15. Encontrava um tempo para estar comigo e fazermos juntos algo agradável.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
16. Me explicava os motivos quando me pedia para eu fazer alguma coisa.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
17. Me encorajava para que eu melhorasse se não fosse bem na escola.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
18. Me incentivava a dar o melhor de mim em qualquer coisa que eu fizesse.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
19. Se interessava em saber como eu andava me sentindo.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
20. Ouvia o que eu tinha para dizer mesmo quando não concordava.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
21. Demonstrava carinho para comigo.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
22. Me dava força quando eu enfrentava alguma dificuldade ou decepção.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
23. Mostrava interesse pelas coisas que eu fazia.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
24. Estava atenta(o) às minhas necessidades mesmo que eu não dizia nada.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4

## ANEXO F - Questionário Sobre Traumas Infantis (QUESI)

As afirmações abaixo se referem a algumas experiências de quando você era criança ou adolescente.

Embora estas afirmações sejam de natureza pessoal, por favor, responda o mais sinceramente possível.

Para cada afirmação, circule a resposta que melhor descreve o que você acha que ocorreu enquanto crescia.

Se você desejar mudar sua resposta, coloque um **X** na antiga e circule a nova escolha.

Enquanto eu crescia...	Nunca	Poucas Vezes	Às Vezes	Muitas Vezes	Sempre
1. Eu não tive o suficiente para comer.	•	•	•	•	•
2. Eu soube que havia alguém para me cuidar e proteger.	•	•	•	•	•
3. As pessoas da minha família me chamaram de coisas do tipo “estúpido (a)”, “preguiçoso (a)” ou “feio (a)”.	•	•	•	•	•
4. Meus pais estiveram muito bêbados ou drogados para poder cuidar da família.	•	•	•	•	•
5. Houve alguém na minha família que ajudou a me sentir especial ou importante.	•	•	•	•	•
6. Eu tive que usar roupas sujas.	•	•	•	•	•
7. Eu me senti amado (a).	•	•	•	•	•
8. Eu achei que meus pais preferiam que eu nunca tivesse nascido.	•	•	•	•	•
9. Eu apanhei tanto de alguém da minha família que tive de ir ao hospital ou consultar um médico.	•	•	•	•	•
10. Não houve nada que eu quisesse mudar na minha família.	•	•	•	•	•
11. Alguém da minha família me bateu tanto que me deixou com machucados roxos.	•	•	•	•	•
12. Eu apanhei com cinto, vara, corda ou outras coisas que machucaram.	•	•	•	•	•
13. As pessoas da minha família cuidavam umas das outras.	•	•	•	•	•
14. Pessoas da minha família disseram coisas que me machucaram ou me ofenderam.	•	•	•	•	•
15. Eu acredito que fui maltratado (a) fisicamente.	•	•	•	•	•
16. Eu tive uma ótima infância.	•	•	•	•	•
17. Eu apanhei tanto que um professor, vizinho ou médico chegou a notar.	•	•	•	•	•
18. Eu senti que alguém da minha família me odiava.	•	•	•	•	•
19. As pessoas da minha família se sentiam unidas.	•	•	•	•	•
20. Tentaram me tocar ou me fizeram tocar de uma maneira sexual.	•	•	•	•	•
21. Ameaçaram me machucar ou contar mentiras sobre mim se eu não fizesse algo sexual.	•	•	•	•	•
22. Eu tive a melhor família do mundo.	•	•	•	•	•
23. Tentaram me forçar a fazer algo sexual ou assistir coisas sobre sexo.	•	•	•	•	•
24. Alguém me molestou.	•	•	•	•	•
25. Eu acredito que fui maltratado (a) emocionalmente.	•	•	•	•	•
26. Houve alguém para me levar ao médico quando eu precisei.	•	•	•	•	•
27. Eu acredito que fui abusado (a) sexualmente.	•	•	•	•	•
28. Minha família foi uma fonte de força e apoio.	•	•	•	•	•

ANEXO G – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE PSICOLOGIA – PPG PSICOLOGIA

Pesquisa: Abuso Emocional: suas relações com autoestima, bem-estar subjetivo e estilos parentais em universitários

Mestranda: Sally Karina Brodski

Orientador: Prof. Claudio Simon Hutz

Pelo presente Consentimento, declaro que fui informado de forma clara e detalhada sobre os objetivos e da justificativa deste Projeto de Pesquisa, que busca estudar correlatos psicológicos, familiares, socioeconômicos e afetivos do abuso emocional.

Tenho o conhecimento de que receberei resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com esta pesquisa e terei total liberdade para retirar meu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem que isto me traga qualquer prejuízo.

Concordo em participar deste estudo e entendo que não serei identificado e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas relacionadas com a minha privacidade. Meu anonimato será preservado e serei identificado pelo pesquisador por um número.

As informações obtidas serão arquivadas e mantidas em sigilo pelos próximos cinco anos no Laboratório de Mensuração, localizado no Instituto de Psicologia da UFRGS. Após este período, todo o material será destruído.

Fui informado de que serão aplicados instrumentos/escalas de auto-aplicação em uma data (durante período de aula) e que não se prevê nenhum risco para os participantes que completarem os questionários.

O pesquisador responsável por este projeto de pesquisa é o Professor Cláudio Simon Hutz, que poderá ser contatado pelo tel. 33085246 ou pelo e-mail hutzc@terra.com.br. Esclarecimentos adicionais também poderão ser obtidos pelo telefone do Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da UFRGS, na Ramiro Barcelos, 2600, Bairro Santana, Porto Alegre, RS, telefone: 33085076 e-mail: CEP-psico@ufrgs.br.

Data:    /    /

Nome e assinatura do participante: \_\_\_\_\_

Nome e assinatura do pesquisador: \_\_\_\_\_

# COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

REGISTRO NUMERO: 25000.089325/2006-58

## PROTOCOLO DE PESQUISA Nº 2009/013

Título do Projeto:

Abuso emocional: suas relações com auto-estima, bem-estar subjetivo e estilos parentais em universitários

Pesquisador(es):

Cláudio Simon Hutz  
Sally Karina Brodski

O projeto atende aos requisitos necessários. Está **aprovado** pelo CEP-Psicologia por estar adequado ética e metodologicamente e de acordo com a Resolução nº196/96 e complementares do CONEP e Resolução 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia. Eventos adversos e eventuais ementas ou modificações no protocolo de pesquisa devem ser comunicadas a este Comitê. Devem também ser apresentados anualmente relatórios ao Comitê, inicialmente em 10/07/2010, bem como ao término do estudo.

Aprovado, em 10/07/2009.



*Comitê de Ética em Pesquisa*  
Registro 25000.089325/2006-58  
Instituto de Psicologia - UFRGS